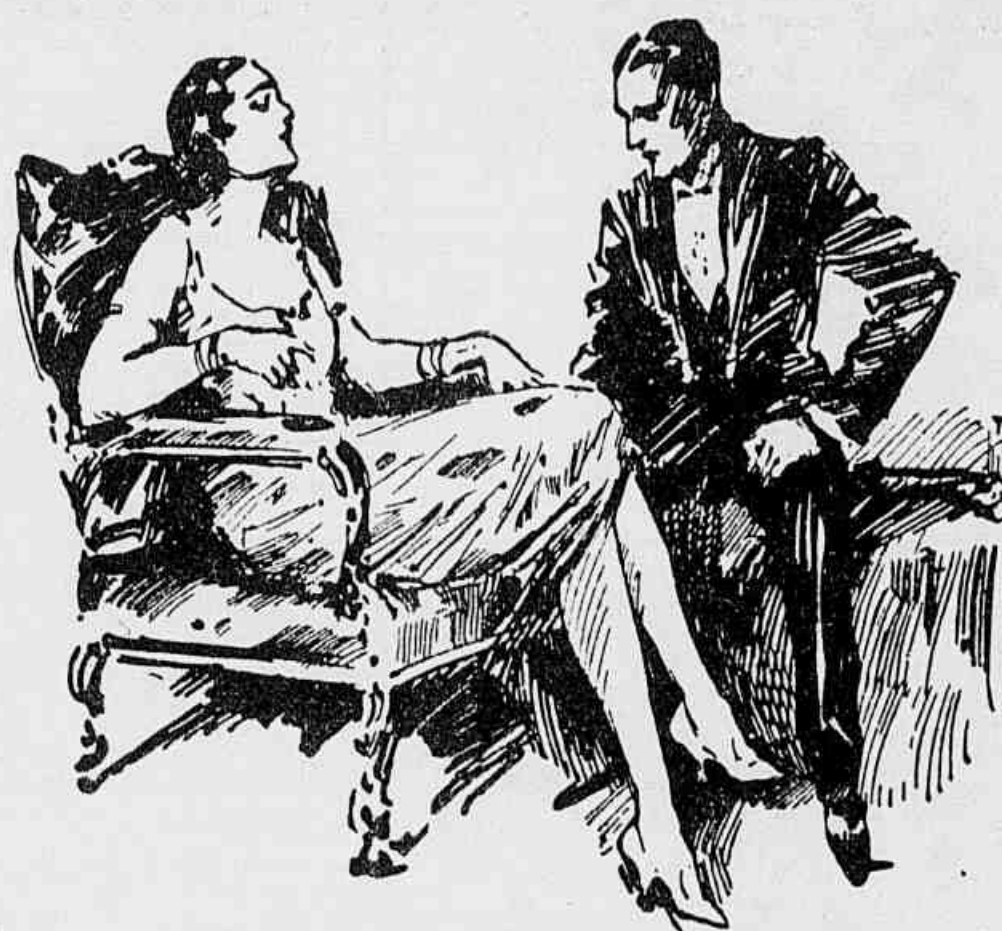
Cinearte

BILLIE DOVE

ANNO IV N. 174
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 26 DE JUNHO DE 1929
Preço para todo o Brasil 1$000

As crianças de peito e a sêde

As crianças têm necessidade imperiosa de agua. Calcula-se que ellas precisam, relativamente, quatro vezes mais agua que os adultos. Essa agua ellas recebem com o leite, mas ha occasiões, no verão, em que precisam ingeril-a em natureza. O organismo infantil, diz Rominger, é muito sensivel á sêde: por isso, a falta relativa ou absoluta de agua representa papel importante como causa de varios estados morbidos nessa edade.

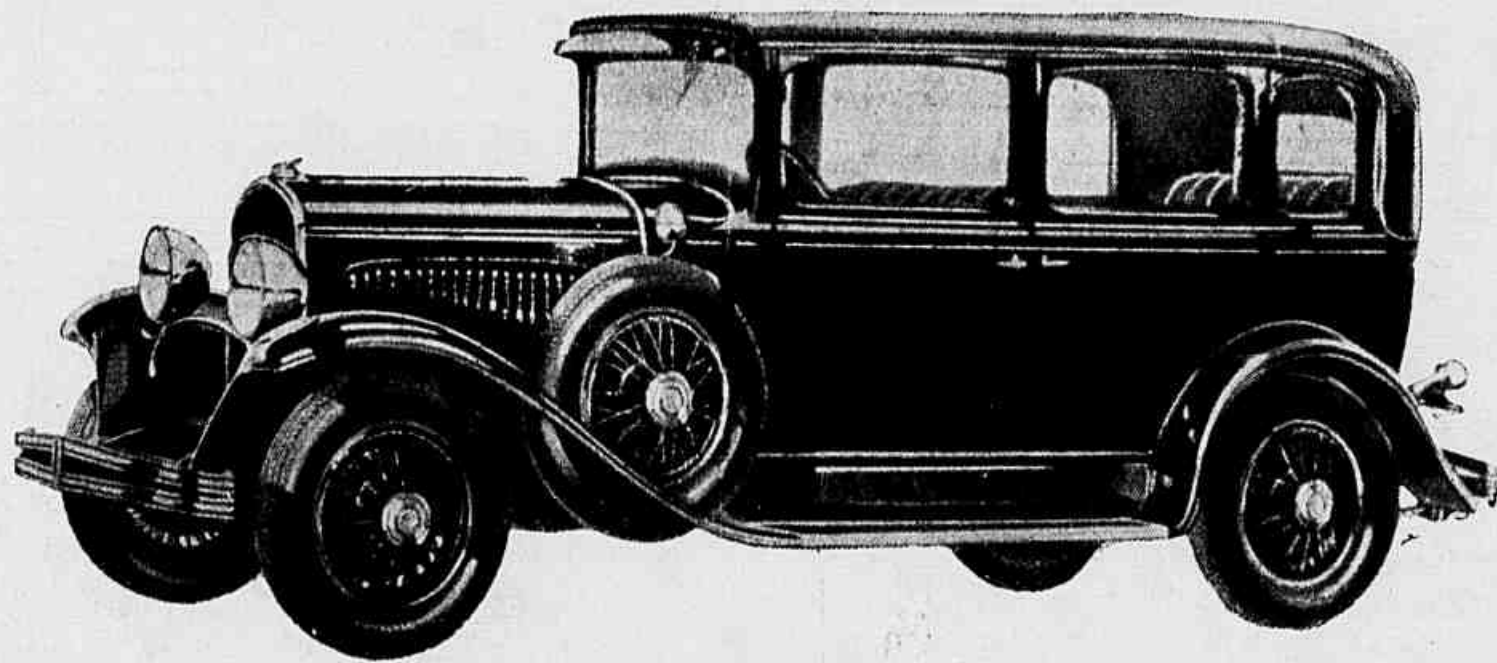
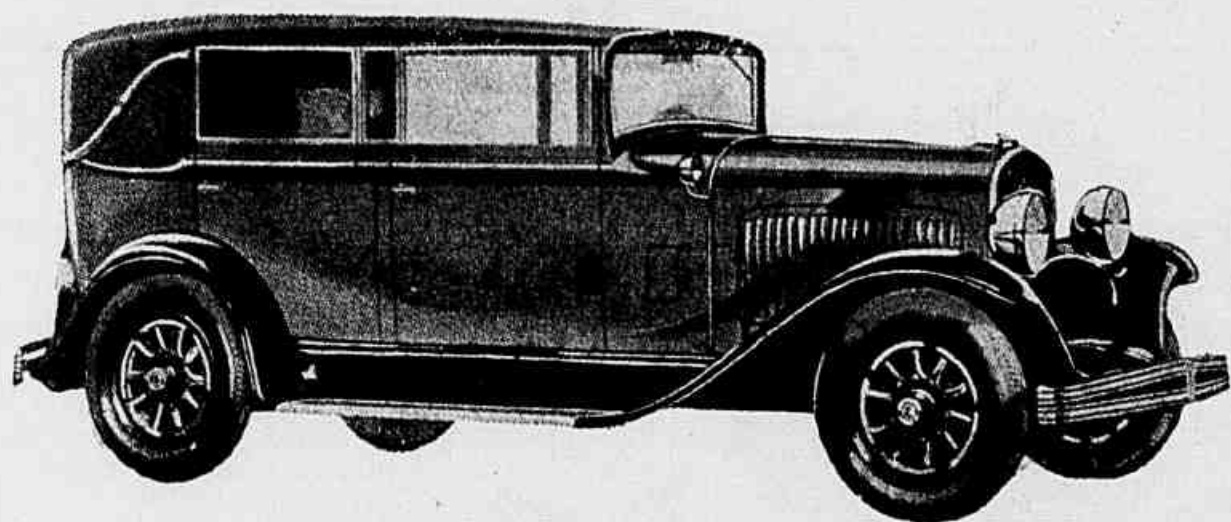
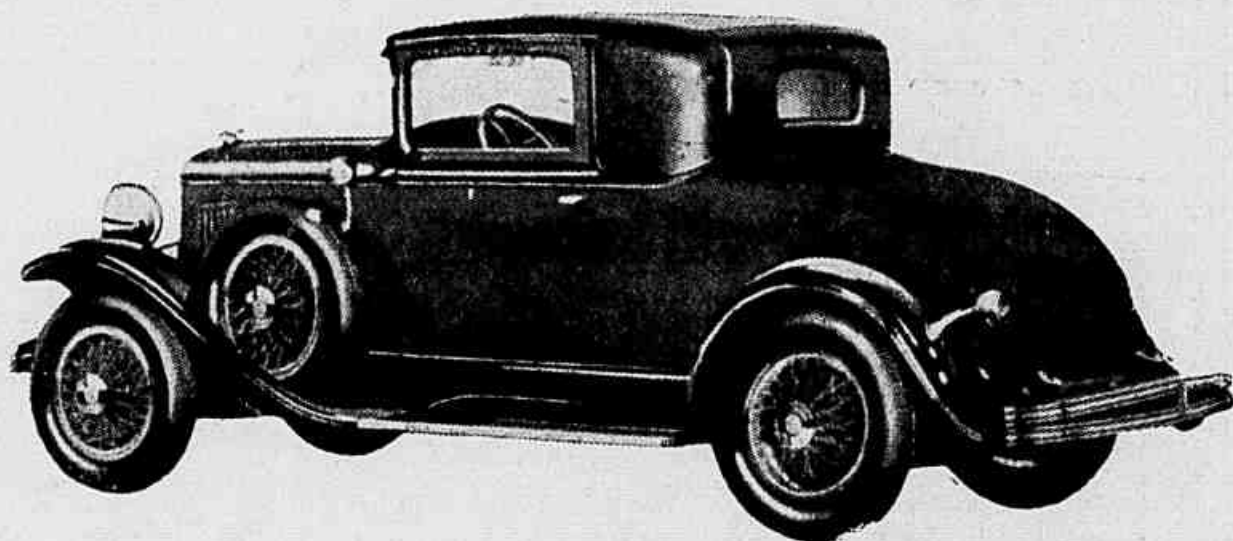
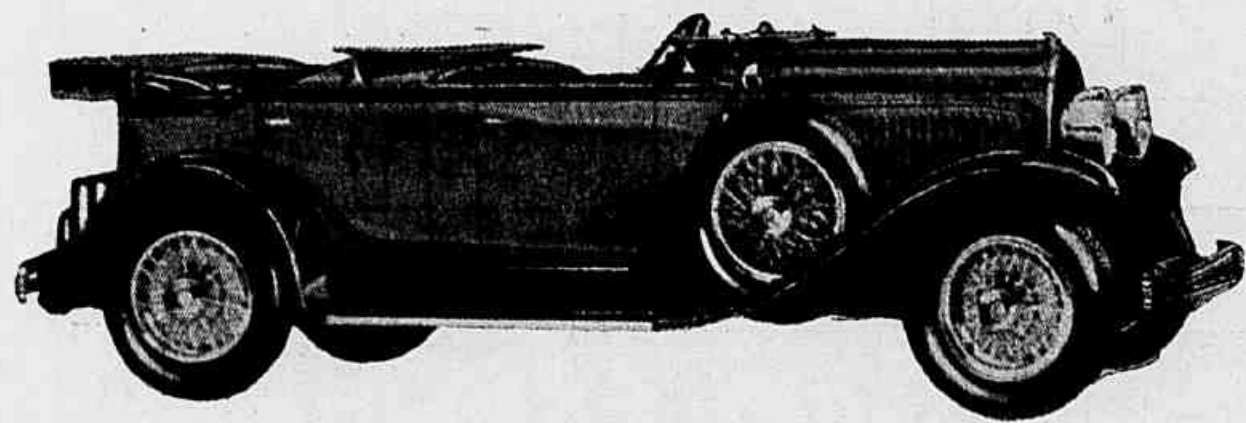
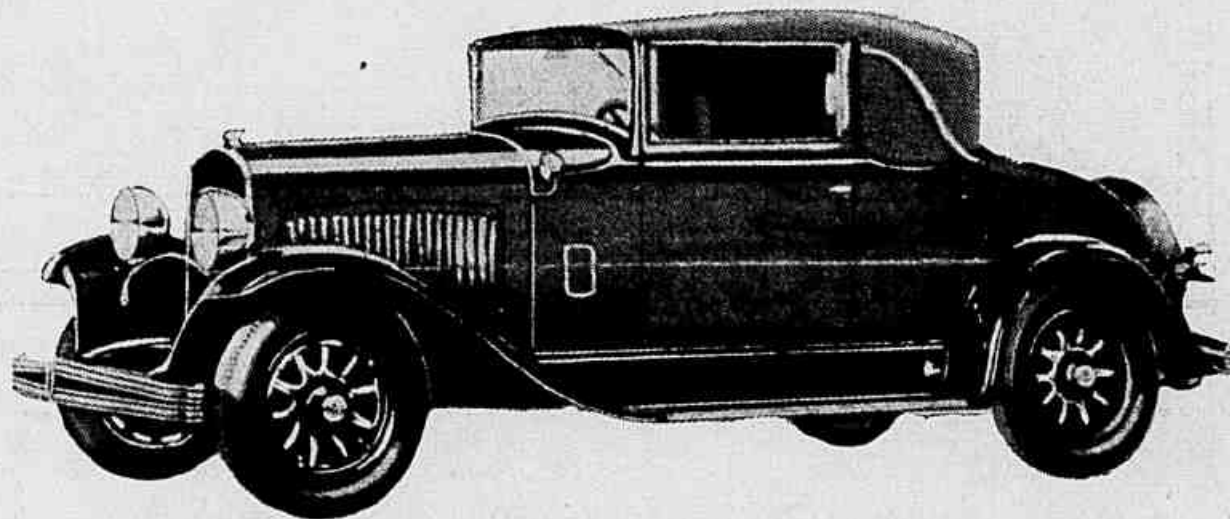
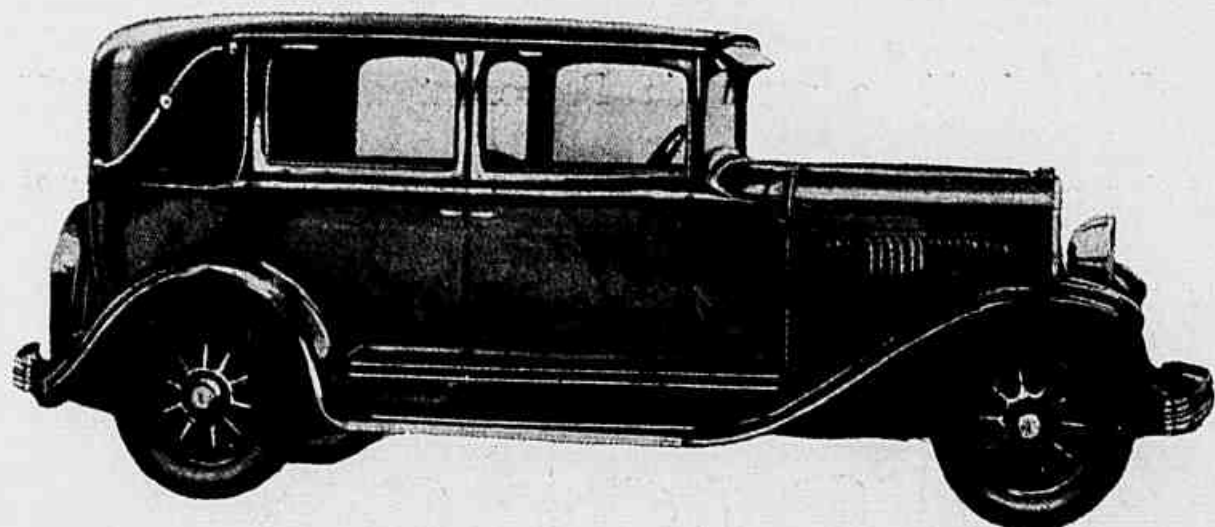
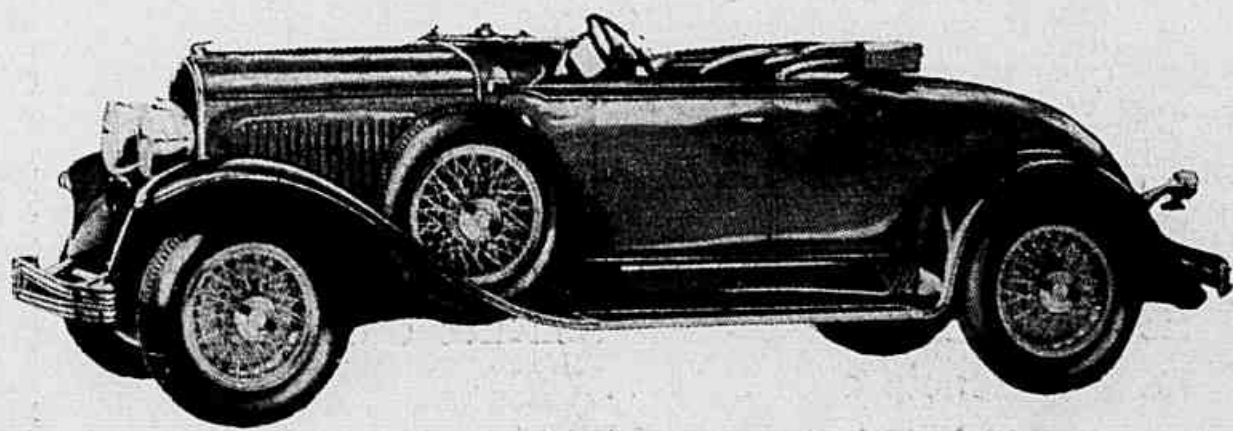
Muitas creancinhas padecem sêde no verão por ignorancia das mães. Algumas chegam a ter "febre de sêde" que só desapparece com alguns goles de agua. Tambem os adultos devem beber, pelo menos um litro por dia, para manter o sangue no seu estado normal e a urina não se tornar muito concentrada.

Algumas semanas durante o anno é de grande vantagem tomar uma ou mais limonadas feitas com o Helmitol Bayer para auxiliar a desintoxicação geral do organismo e para a desinfecção das vias urinarias. O Helmitol dá-se, tambem, com grande vantagem, ás creanças cuja urina mancha as fraldas.

O cimento armado do organismo humano

Póde-se dizer, sem receio de errar, que os saes de calcio representam, no organismo humano, o papel do cimento empregado nos edificios modernos. Basta o organismo humano desprover-se da indispensavel quantidade de saes de calcio para elle ficar em estado de menor resistencia.

Os ossos constituem as partes duras do corpo e representam o arcabouço sustentador das partes molles. O organismo precisa se abastecer constantemente de calcio para que o esqueleto se mantenha forte. O menor *deficit* neste elemento manifesta-se, logo, pelas caries dentarias e, nas crianças, tambem pelas fracturas osseas; bem assim nos adultos e nas crianças por muitas outras manifestações como sejam: fraqueza, insomnia, nervosismo, desanimo, palpitações nervosas, diminuição da memoria, etc.

Para combater este *deficit*, muito commum em certas regiões do Brasil, onde os alimentos são pobres em saes calcareos, o melhor "medicamento-alimento" é a Candiolina Bayer que constitue o verdadeiro cimento armado para reforçar os edificios de carne e ossos.

Les merveilleux produits de Beautè A. Dorèt qui depuis douze ans assure la fortune de cette maison

Pour le visage, pour toutes les taches de rousseur, sardes, boutons, echymoses, pour toutes les imperfections de la peau, aucun produits au monde n'a autant de valeur que les produits A. Doret.

JOUVENCE FLUIDE DÉESSE pour nettoyer le visage, afiner la peau, assurer la bonne respiration cutanée et JOUVENCE FLUIDE DÉESSE N° 12, pour nourir fortifier les nerfs peaussiers, faire disparaître toutes les imperfections, dermatoses de toute nature, l'emploi de ces deux produits, assure la jeunesse de visage eternelle.

JOUVENCE FLUIDE DÉESSE
Petit modéle . . . 8$000
Grand modéle . . 15$000
Pour le courrier 2$000 en plus.

JOUVENCE FLUIDE DÉESSE N° 12
Flacon . . . . . 15$000
Pour le courrier 2$000 en plus.

LAITE DÉESSE pour fixer la poudre de riz e assetine la peau flacon 8$000 e 15$000.

Poudre MON PREMIER BAL la meilleur poudre de riz 5$000, pour le courrier 2$000 en plus.

TOUS ARTICLES DE PARFUMERIES, COLOGNE, LOTION, PARFUMS SPECIAUX, ETUDIE'S POUR CHAQUE CLIENTE.

Adresser les demandes: — A. Doret — Coiffeur pour Dames — 5-A rua Alcindo Guanabara — Rio de Janeiro — Tel. C. 2431.

Si cada socio enviasse á Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.

...todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...

RUA DA CARIOCA, 45 — 2° andar

Leiam o TICO-TICO — A melhor revista infantil.

UMA OFFERTA ESPECIAL DURANTE UM PRAZO LIMITADO

Foi reduzido o preço da Pepsodent afim de offerecer a todos a opportunidade de ver a rapidez com que os dentes recuperam a sua brancura e belleza.

CINEMA BRASILEIRO

Carlos Modesto, é um bello typo e c nsegue se manter a altura do seu papel.

Eva Schnoor tem um trabalho que foi uma das maiores preoccupações do director. Esforço compensado. Foi tudo interpretado com uma belleza unica. Até parece peccado ser bella como Eva Schnoor. Lelita Rosa tem boa interpretação nas scenas do "cabaret". Eva Nil, não ganhou um papel de grandes possibilidades, mas só as scenas do piano valem por uma duzia de films. Ha tempo que eu não vejo maior naturalidade em representar. E todos os demais papeis estão finamente estudados e representados.

Se em questões technicas se reconhece algumas falhas, é por culpa do material pobre. A camera move-se pouco, mas consegue o seu fim. Parada, é sempre bem collocada. As photographias de Paulo Benedetti são as melhores possiveis.

Emfim, o film é o cartão de visitas de um grupo de rapazes que crêem abnegadamente no futuro do Cinema. Possibilidades actuaes: pequenas. No "Benedetti-Film" não ha burguezes, só ha artistas. Possibilidades futuras: brilhantissimas.

"Barro Humano" é um valioso presente que o Brasil offerece ao cinema mundial.

(Assig.) *Josué de Castro*

E' do "O Jornal" de 11 de Junho:

"UMA VICTORIA DO CINEMA BRASILEIRO

O publico carioca consagrou, hontem, hontem, com o successo da bilheteria do Imperio o film "Barro Humano", da Benedetti-Film.

Entre os cartazes dos cinemas elegantes da Praça Floriano esta semana, um sobresáe em interesse e suggestão para o nosso publico. E' o cartaz do Imperio, que ostenta o nome de um film brasileiro — *"Barro Humano"*, da Benedetti-Film.

A Paramount, exhibindo-o, logrou trazer-nos uma revelação sobremaneira significativa:

— Que já podemos fazer Cinema no Brasil. Comquanto o conjuncto desse film nacional apresente aqui e ali, algumas falhas de ordem technica e mesmo artistica, ainda assim levado em conta o estado incipiente, senão embryonario da industria, entre nós, excedeu á espectativa do grande publico carioca, que consagrou, com o successo de bilheteria hontem verificado no Imperio, o esforço da producção cinematographica brasileira.

Gracia Morena, a figura central da pellicula entremostrou, com o seu desempenho, notaveis qualidades de estrella, vivendo as scenas mais intensas com uma naturalidade extraordinaria. Carlos Modesto, portou-se, na sua parte de galã com a galhardia propria dos mais perfeitos artistas americanos. Eva Schnoor é outra das figuras de "Barro Humano", cuja actuação faz jús aos melhores applausos. Discreta, vivendo o seu "rôle", sem esse exaggero com que muitas "vamps" americanas prejudicam tantas vezes a verdade psychologica de uma attitude, a ella, de certo, cabe uma grande parte do exito que "Barro Humano" alcançou.

Os outros artistas, como Lelilta Rosa e Martha Torá houveram-se tambem com uma fidelidade de interpretação que as colloca no mesmo plano dos protagonistas do film "Barro Humano", obteve para o Cinema Brasileiro o successo que marcará uma época.

Outros que fossem os recursos, a industria nacional de cinematographia, com os mesmos artistas que fizeram "Barro Humano", nos daria, sem duvida, um trabalho tão perfeito talvez quanto naquelle que a generalidade das pelliculas americanas nos offerecem.

Os scenarios unicos "d'aprés nature" de "Barro Humano", pelo menos fariam a inveja aos directores dos studios de Hollywood, se é que elles não invejassem tambem a arte e a belleza das nossas estrellas, como Gracia Morena, Eva Schnoor e Lelita Rosa."

Este outro do "Jornal do Commercio" do dia 14 do corrente:

"CINEMA

Imperio — Com a semana que corre inscreveu a "Benedetti-Film" em seu calendario a sua "semana de ouro". A producção romantica de sua autoria, em exhibição no Imperio tem sido uma fonte de optimas receitas. O publico, numa onda irreprimivel, tem affluido ao Imperio, consagrando o esforço triumphante da marca brasileira, que soube pôr na sua producção um tão grande empenho de boa arte.

Film de assumpto moderno, cuja acção, muito accorde com o sentimento nacional, decorre em ambiente attrahente pela sua belleza e pittoresco, "Barro Humano" tem concentrado a attenção do grande publico, como só o conseguiram fazer as obras dos grandes mestres.

Seja isso um estimulo para os galhardos artistas nacionaes que no produzir "Barro Humano" puzeram tão pertinaz esforço de intelligencia e de vontade. Gracia Morena, Carlos Modesto, Eva Schnoor, Eva Nil, Lelita Rosa, etc.

Mas quão mais poderoso estimulo não ha de ser o exito de "Barro Humano" para a "Benedetti-Film" que, ha tantos annos lutando contra mil obstaculos, se vem empenhando por progredir cada vez mais!

Alentada agora pelo apoio do publico, que maravilhosas obras primas nacionaes não ha a esperar della no futuro!

"Barro Humano" repete-se no Imperio até domingo, mas é bem possivel que os restantes dias de exhibição não cheguem para tantos que desejam conhecer esse primor de arte brasileira."

Finalizando, transcrevemos a opinião de Olegario Marianno, que sob o pseudonymo com que assigna na secção "A Vida Social" do *Correio da Manhã*, deu a publicidade no dia 14 de Junho:

"BARRO HUMANO"

A fita brasileira que um dos casarões da Cinelandia teve a boa idéa de incluir no seu programma semanal, attrahindo a attenção de um publico de élite, bem merece um registro especial nesta columna, dadas as suas qualidades de technica e de argumento. Creio mesmo não errar, asseverando que ella representa o trabalho mais parfeito que se conseguiu até hoje no Brasil.

Graças a um grupo destemeroso de rapazes, o cinema em nossa terra começa a ser uma realidade, quando parecia um sonho quasi impraticavel.

Neste film entrecortado de vistas panoramicas do Rio, focaliza-se em perfeito estudo psychologico, a vida mundana da capital com os seus erros e as suas virtudes, desde os precipicios por onde se despenham certas creaturas inexperientes, ao sonho de amôr que as redime. E' um espelho de mil faces reflectindo, traço a traço, a personalidade de certos homens e a fraqueza de certas mulheres. Quantas não se verão naquelle espelho aprendendo na dura lição da vida a verdadeira tragedia humana, que o destino lhes reserva.

Informaram-me que esta realização foi feita com os maiores sacrificios. De bairro em bairro, de casa em casa, ao sol, á chuva, não tiveram um só instante de desfallecimento.

E' digno tambem de nota o modo por que as portas das velhas vivendas se abriam para agazalhar a idéa desse bando de ciganos da arte. As piscinas da Gavea e os solares coloniaes completaram a obra, ambientando-a num sabor brasileiro e tornando-a deste modo digna de ser vista e admirada no estrangeiro.

As legendas encantadoras, que são de Alvaro Moreyra, dispensam elogios.

O "Barro Humano", é justo confessar, abriu novos horizontes á arte cinematographica do Brasil.

João da Avenida."

Não é preciso mais. O Cinema Brasileiro está vencendo...

DIDI CAILLET

A intelligencia e a belleza illuminam a juventude radiosa de Didi Caillet, cujo espirito fino e dotes physicos resaltam de sua linda figura, tão justamente celebrada no recente certamen, que elegeu a mais bella do Brasil.

Não foi o prestigio de "Miss Paraná" que exaltou a formosura de Didi Caillet; foi esta, pelo seu talento, pela sua arte, por sua graça, que augmentou a gloria de "Miss Paraná".

A linda patricia da terra dos pinheiros — metropole do Sul — impressionou os circulos mentaes do Rio, por ser bella e ser intelligente.

Seus recitaes de declamação causaram um grande e consideravel exito, fixado na memoria dos nossos poetas e escriptores.

P. C.

SUE CAROL E BARRY NORTON EM "THE EXALTED FLAPPER".

EM publicação feita sob sua responsabilidade de vice-director do departamento da Instrucção Publica Municipal o professor Jonathas Serrano, commentando a fundação do Instituto Educacional de Cinematographia, feita pela Italia sob o patrocinio da Liga das Nações, creação esta que já mereceu os commentarios desta columna, esclarece mais um pouco o que naquella repartição se pensa e se projecta em materia de aproveitamento do Cinema como auxiliar pedagogico.

Recentemente dados officiaes publicados pelo Estado do Espirito Santo, reivindicou para aquella circumscripção politica do paiz a iniciativa da installação em todos os grupos escolares desses mesmos apparelhos.

Vamos nós agora estudar mais de perto o assumpto verificando especialmente quaes os films que estão sendo introduzidos no paiz e fornecidos aos nossos governos como material proprio para instrucção. E isso porque, conhecedores que somos do nosso *meio cinematographico*, sabemos perfeitamente como a possibilidade de *vender fitas ao governo*, aguçará certos appetites insaciaveis.

Transcrevemos os trechos principaes do artigo de Jonathas Serrano:

"O Cinema ao serviço da educação — não apenas da instrucção, no sentido restricto do vocabulo — o Cinema superiormente, integralmente educativo é hoje uma realidade, na Italia e em outros paizes. Cumpre que o seja tambem no Brasil. A reforma Fernando de Azevedo, que mereceu de uma autoridade do valor de Omer Buyse os mais lisonjeiros dos juizos criticos — reforma feita por um espirito dos mais modernos, — a reforma Fernando de Azevedo não esqueceu a preciosa collaboração do Cinema educativo.

E' bastante, para comproval-o, transcrever os artigos 633 a 635 do decreto n. 2.940, de 22 de Novembro de 1928:

"As escolas de ensino primario, normal, domestico e profissional, quando funccionarem em edificios proprios, terão salas destinadas á installação de apparelhos de projecção fixa e animada, para fins meramente educativos.

O Cinema será utilizado exclusivamente como instrumento de educação e como auxiliar do ensino que facilite a acção do mestre sem substituil-o.

O Cinema será utilizado sobretudo para o ensino scientifico, geographico, historico e artistico...

A projecção animada será aproveitada como apparelho de vulgarização e demonstração de conhecimentos, nos cursos populares nocturnos e nos cursos de conferencias...

A Directoria Geral de Instrucção Publica orientará e procurará desenvolver, por todas as formas, e mediante a acção directa dos inspectores escolares, o movimento em favor do Cinema educativo.

As associações de paes e professores, sob a presidencia dos respectivos inspectores escolares, trabalharão para que o Cinema seja vulgarizado e posto á disposição de todas as escolas".

Programma vastissimo, como se vê, e do qual, apesar das difficuldades orçamentarias, já alguma coisa se vae realizando, e a recente mensagem do Sr. Prefeito o consigna em resumo, no capitulo da Instrucção publica, em varios topicos referentes á Sub-Directoria Technica.

Vasto, difficil, mas seductor programma!

O valor educativo do Cinema só poderá ser ainda posto em duvida por quem de todo esteja alheiado dos problemas de psychologia, pedagogica.

A força de suggestão das imagens animadas é realmente formidavel. E dizemol-o no sentido do etymo do vocabulo — *formidabilis, formidabile* — terrivel, temeroso, temerando, que se deve temer.

Se não fôr para o bem, será para o mal. Tem sido, é ainda frequentemente para o mal.

Cumpre que o seja em solidas bases pedagogicas, para o bem".

A idéa pela qual nos vimos batendo ha tantos annos começa pois a fazer-se realidade. E' uma satisfação para os que escrevem nesta revista verificar que afinal entramos nós tambem no campo da utilidade pratica das melhores qualidades do Cinema. Que tudo porém não fique em palavras que voam, em promessas que não se cumprem.

GRACIA MORENA CHEGANDO AO CINEMA IMPERIO PARA A PREMIÉRE DE **BARRO HUMANO**

CINEMA BRASILEIRO

(D E   P E D R O   L I M A)

A EXHIBIÇÃO DE "BARRO HUMANO"

Greta Garbo, John Barrymore, Camilla Horn. Sem falar em Conrad Nagel Roberto Frazer, Doris Dawson... Mas continuando: Fred Niblo no megaphone. Direcção de Lubistch e scenario de Hans Kraly. Nomes? "A Dama Mysteriosa" e "Amor Eterno". Estes os dois films de respeito. Nem assim. Com tudo isso. Nada. Nada póde obstar o exito formidavel. Surprehendente. Mais do que esperado de "Barro Humano".

Foi uma semana cheia. Uma semana de successo completo. De victoria indiscutivel do Cinema Brasileiro

Não valeu de nada dois films no Gloria a preços communs.

Harry Langdon e Jobyna Ralston, respectivamente, em "Mal de Coração" e "Borboletas Negras". **Reprise** de Dolores del Rio, em "Amores de Carmen", ajudada com outro film inedito: "Nos Dominios de Satan", no Palacio Theatro. Lva de Putti, mesmo com o jornal da chegada de Olga Bergamini a New York, no Pathé Palacio. Sem citar o Rialto, o Central, o Pathé Velho... Os theatros que inauguraram a sua temporada... "Ingenues of New York"...

Mas não foi apenas um successo de bilheteria. Foi tambem um successo artistico. Uma prova da acceitação. Do valor do moderno Cinema Brasileiro. Não nos sentiriamos muito á vontade para citar esta victoria da nossa filmagem, registrada com "Barro Humano", se não fosse antes de mais nada a prova insophismavel de que dia para dia, o problema da nossa cinematographia, caminha para a sua solução.

Não foi só uma questão de patriotismo. Mas, tambem, uma prova de que o nosso publico sabe comprehender um esforço, e sabe vêr neste esforço, alguma cousa de valor, alguma cousa de Cinema. Cinema moderno. Cinema subentendimento. Cinema puro. Cinema Arte. Cinema **Cinema.**

LELITA ROSA — GRACIA MORENA

Por isso, foi "Barro Humano" o maior successo da semana. Ninguem esperava tanto. Nem mesmo pelos annuncios de seu lançamento, publicidade como nunca foi feita antes, no Brasil. Esta é que é a verdade, devido em grande parte a Barros Vidal.

Durante a semana de sua exhibição, o film manteve-se com um exito quasi que inalteravel. Sempre com as sessões esgotadas. A mesma renda quasi do primeiro dia, repetindo-se toda a semana e culminando no ultimo dia da sua exhibição, quando bateu então todos os "records".

Cousa interessante: A frequencia do Imperio, nessa semana, parecia a de uma noite de opera, numa sessao de gala do Theatro Municipal. So não havia tanto luxo nos "toilettes", mas eram as mesmas personalidades de destaque, na sociedade, nas letras, no mundo diplomatico e official.

Chegavam os automoveis de luxo, com placas particulares e officiaes, e eram familias inteiras que entravam para vêr "Barro Humano".

Um film brasileiro!

Em Cinema, tanto exito assim, só na celebre "première" de "Big Parade", no Casino...

Fóra os automoveis de Petropolis. Sim, da linda cidade serrana, tambem, veiu gente assistir ao film brasileiro. Despiam o guarda-pó e iam, a custo, comprar a sua entrada.

Nós somos suspeitos para falar... Mas ahi estão as opiniões dos jornaes. Opiniões valiosas, porque foram espontaneas. Não foram encommendadas, são sinceras.

Aqui temos a mensagem da Academia Pedro II, felicitando o exito da Arte Nacional. Telegrammas, dos quaes destacamos o de Nicolas, um photographo de arte e de nomeada, e que fôra vêr o film, para criticar, e que traduziu nestas palavras a sua opinião: "Congratulo-me sinceramente admiravel realização "Barro Humano"

indice nossas grandes possibilidades cinematographia nacional".

Opiniões como a de J. Carlos, que o achou digno de ser visto. De Goulart de Andrade, dita em publico, quando deixava o salão de exhibição:

"Nota-se que houve falta de recursos para a realização do que foi imaginado. Mas, mesmo assim, é um film fino de mais para ser comprehendido á primeira vista."

Alvaro Moreyra gostou tanto de "Barro Humano", que são delle as palavras de abertura do film, do qual basta sómente estas phrases: "Esta ahi: chama-se "Barro Humano". Sem pretensão. Sem vontade de fingir que não presta".

E quantas mais.

Impressas, algumas, das quaes vamos transcrever as mais originaes, por serem de todo, fóra da rotina dos jornaes que as editaram.

Começando pelo "Diario Carioca", de 26 de Maio, do qual extrahimos alguns topicos:

"Até pouco tempo o Cinema Brasileiro era uma destas cousas bôas de se acabar. Destas cousas que continuam existindo porque são teimosas e não querem comprehender que a gente não acredita nellas. Que a gente dava um doce para ellas desapparecerem e soltava um foguete no dia da morte dellas.

Eu era o primeiro a dizer: Cinema Brasileiro é mentira. E eu penso que tinha razão.

Mas agora tudo mudou. Soffreu uma destas mudanças radicaes que obriga a gente a ser sincera na nossa admiração.

Obriga a gente a ir de encontro a si mesmo, a se desdizer: a mentira é minha, Cinema Brasileiro é verdade. Uma verdade grande, do tamanho do Brasil.

Estou crente que em breve ninguem duvidará desta realidade empolgante, que é a existencia da setima arte, aqui no nosso paiz.

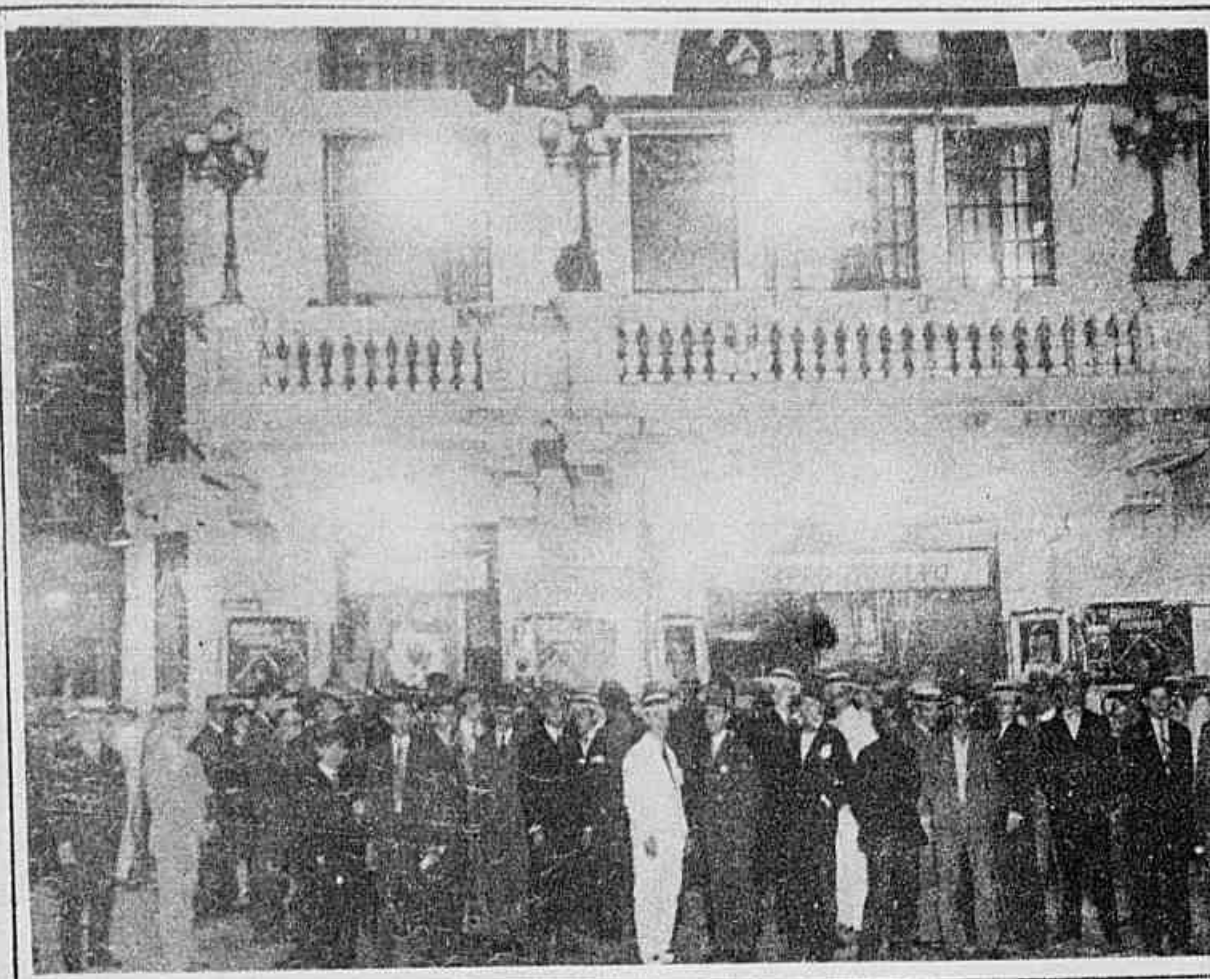
Mas, por emquanto, ha quem duvide, como eu tambem já duvidei tanto.

E como o Brasil é taxado de paiz de fitas e fiteiros, haverá muita gente (inclusive todos os estrangeiros) que fica pensando que eu estou augmentando, que eu estou abrasileirando a cousa.

— Qual! Cinema no Brasil é pura fita.

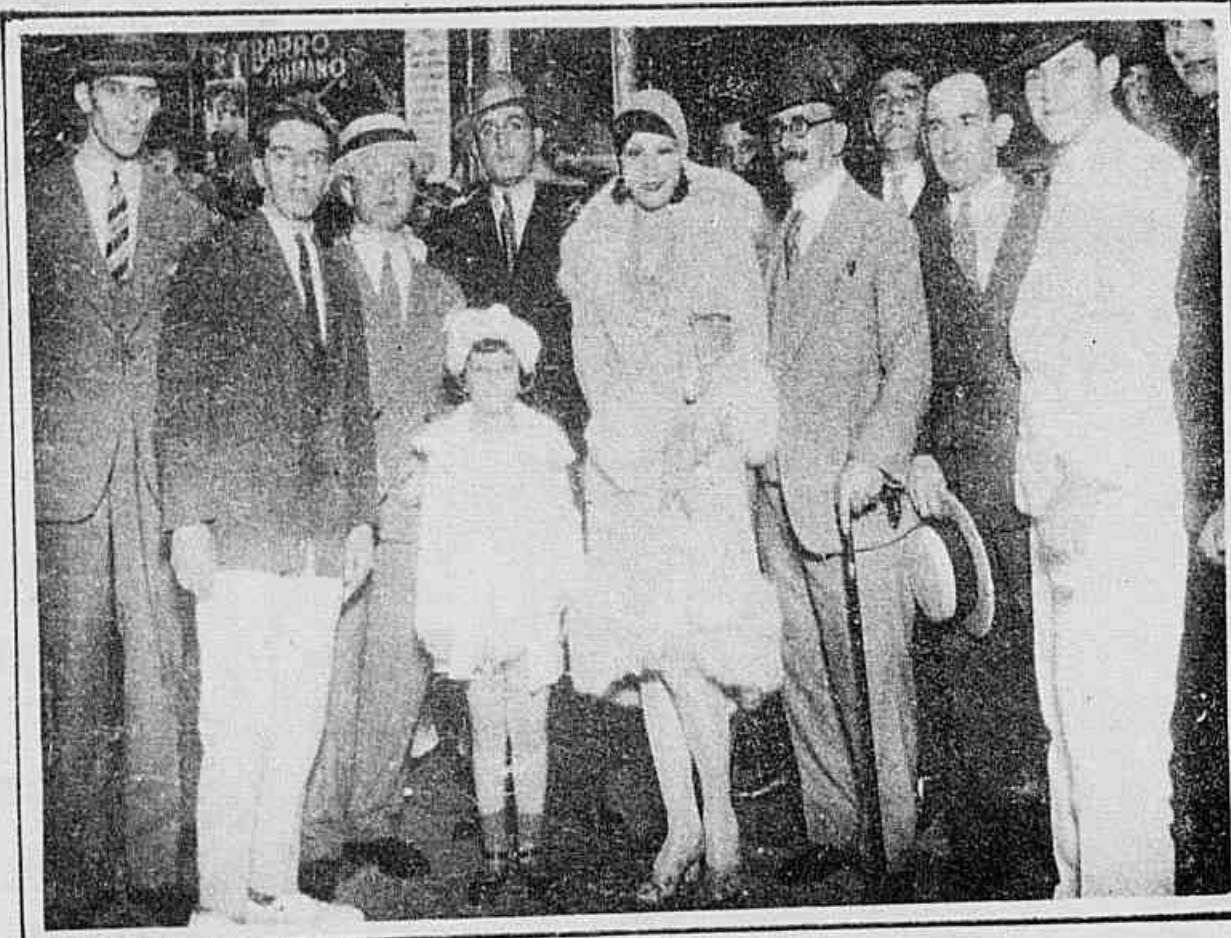
Pois não é, não. Póde ser fita pura, fita de celluloide impressionada de motivos de arte. Arte das imagens digna de nosso seculo e de nossa geração.

Na historia da cinematographia mundial o Cinema nasce duas vezes. Não fiquem pensando que é mysterio, porque eu vou já explicar. E' muito mais simples que as tres mortes do defunto Mathias Pascal e tão natural quanto o caso deste heróe de Pirandello.

A' primeira vez elle nasce como industria, isso nos tempos de pae João Congo, sob a guarda paternal dos dois irmãos Lumiére.

EM FRENTE AO IMPERIO, NA ULTIMA SESSÃO

Da segunda vez nasce como arte, isso num dia desses (ahi pelos tempos de guerra de 1917) com os films de Charles Chaplin. Foi Carlito o pae da creança. Creança sabida que a gente adora porque na infancia já faz prodigios.

E' este ultimo nascimento o mais significativo prós apostolos da "decima musa".

Estou certo que os amantes do cinema falado não dão valor a este dia, dia que nasceu uma arte.

MARTHA TORÁ, SUA FILHA MARIZA, QUE POSOU COM LIA TORÁ EM "ALMA CAMPONEZA", E PEDRO LIMA, DEPOIS DA ULTIMA SESSÃO DE "BARRO HUMANO", NO IMPERIO.

Darão, certamente, muito mais valor ao dia em que Lee de Forest inventou o movietone. Dia sombrio e triste em que morreu uma arte.

Mas, nós não temos nada com isso. Ninguem vae obrigar monarchistas a commemorar o 15 de Novembro.

Existe um paiz (este paiz é o nosso) onde se acaba de verificar o segundo nascimento do Cinema. O nascimento do verdadeiro Cinema, do Cinema arte.

Isso era segredo, mas um segredo tão grande que não coube dentro de mim. Imaginem que eu assisti á primeira revelação do nosso recem-nascido, do nosso Cinema como nós queremos. Eu o vi dar o primeiro passo. Eu vi "Barro Humano", da Benedetti Film. Nunca vi um primeiro passo dado com tanta firmeza.

Era este o momento de apparecer "Barro Humano". Tinha que ser elle o termo da progressão. Primeiro foi o periodo nebuloso: o nosso Cinema brincando de cabra céga. Correndo sem rumo com os olhos tapados. Depois, abriu os olhos. Começou vendo cousas feias. Foi melhorando aos poucos. Apparecer cousa bonita, depois cousa bôa. Dois ou tres films que puzeram duvidas na cabeça da gente. Seria verdade?

Uns tiveram vontade de acreditar, outros tiveram vontade de fazer. E fizeram mesmo. Fizeram "Barro Humano" e todo mundo acreditou.

Como realização material o film não tem nada de extraordinario. Ha até muita cousa que não satisfaz.

O seu valor está todo nas suas aspirações a ser perfeito e na clara comprehensão do que seja Cinema, que revelam seus criadores.

Para quem entende da materia, basta lêr o scenario de "Barro Humano", para reconhecer o seu valor do entrecho original, bem urdido, com grande valor dramatico, e cheio de subtilezas. Conhecimento profundo de Cinema. Perfeita noção de continuidade toda a historia deslizando suavemente no plano da ficção. Se no film isto não se realiza com tanto vigor é que as possibilidades economicas não permittiram a transposição exacta do scenario. Quando King Vidor, no meio em que trabalha, fala em difficuldades que impossibilitam de se fazer assim, mesmo sabendo que assim sahiria melhor; quanto mais entre nós.

O elenco do film é outra cousa digna de relato.

Gracia Morena — a estrella — foi o meu assombro.

Photogenia para estragar. Personalidade para offerecer a Evelyn Brent. E' a maior artista do Cinema Brasileiro.

Bonita como um sonho e ainda mais artista que bonita. Poucas pequenas de Hollywood seriam capazes de conseguir expressões como as suas nas scenas que se seguem á de sua ruina moral. E não é só ahi, não. Em todas as sequencias, cada vez que ella apparece, enche a scena, monopoliza a attenção da gente.

(Termina no fim do numero)

A' SAHIDA DA ULTIMA SESSÃO. — MARTHA TORÁ, MARIZA, M. F. ARAUJO, PAULO BENEDETTI, O GERENTE DO CINEMA, ISAAC FRANKEL, PEDRO LIMA, ALVARO ROCHA E FRANCISCO BARRETO.

LELITA ROSA E LIA RENE, NO MOMENTO EM QUE CHEGAVAM AO CINEMA IMPERIO, PARA ASSISTIR AO FILM QUE POSARAM. AO LADO, NA POSE DO ESTYLO, PAULO BENEDETTI.

LELITA ROSA — LIA RENE — GRACIA MORENA
No "hall" do Cinema Imperio, no dia da primeira exhibição de "Barro Humano" o film que alcançou o maior successo da semana.

SE O CINEMA BRASILEIRO TIVESSE LELITA ROSA HA MAIS TEMPO...

(*Por L. S. MARINHO — Correspondente do "Cinearte" em Hollywood*)

OS OLHOS DE LELITA SIGNIFICAM UM MUNDO DE COUSAS...

Nossa patria sempre é mais bem amada, quando se vive no estrangeiro. Longe de tudo. Longe de todos. Parentes. Amigos...

De longe revê-se as cousas, o que é nosso, com mais interesse. Mais amor. Mais carinho. E porque não, mais saudades.

Até 1927 eu fôra um descrente do Cinema Brasileiro. Jamais investiguei as razões. Hoje não me preoccupam estas razões. Tambem, confessemos, as possibilidades não eram todas visando, aquellas que hoje em dia são visadas.

Possivelmente este era o factor efficiente de minha descrença.

Actualmente tudo está modificado. Não só modificaram-se as possibilidades, como meu enthusiasmo nasceu outro, cresceu e tornou-se um ardente desejoso da victoria infallivel.

Demais, os elementos da nova geração do Cinema Brasileiro, são compostos de rapazes e moças de moral sã. As moças então, fazem vibrar a alma de qualquer indifferente... do maior anti-feminista.

E, se o Cinema Brasileiro tivesse Lelita Rosa ha mais tempo, a inactividade do mesmo não teria sido tão efficaz. Se tivesse Gracia Morena, não teria havido um unico "Barro Humano". Se possuisse Eva Nil, Nita Ney, Humberto Mauro, Carlos Modesto, Luis Sorôa, e os outros, não direi que o Brasil estivesse além dos americanos, porém podia secundal-o, sem favor algum.

Por que não seriam sómente estes. Outros teriam vindo com a alma mais predisposta a vencer. Outros teriam vindo com o coração sincero como os da actualidade. Ainda assim, não chegaram tarde os que estão. E outros virão. Outros seguirão seus passos.

Hoje estive contemplando um retrato de Lelita Rosa.

Um retrato!

Estava no bonde, no Hollywood Boulevard. E fiquei completamente esquecido de mim proprio.

Com a imaginação enaltecida. A vista um pouco lacrimosa. O coração palpitante. Esqueci tudo. Esqueci Hollywood e as mulheres americanas...

Não ha mulher que melhor fale á alma do homem, como a mulher brasileira...

E, eu falei a Lelita Rosa. Atravez de minha fantasia espiritual.

Somente eu falava.

Lelita Rosa não.

Tinha os olhos semi-cerrados, num doce devaneio... inebriada de quietude.

Respirando sensualidade.

Mas, eu não poderei descrever o que meu espirito, lêra no espirito de Lelita... Em seu espirito que faz vibrar um corpo moreno, quasi alvo e bem talhado...

Nos seu solhos negros. Nos seus labios carminados.

E tanto eu desejára colher de uma em uma suas palavras. Faladas com suavidade ou soffreguidão. Que me importa. E me sentir embriagado com seus olhares de uma tepidez de ambiente, que significam um mundo de cousas... Olhares de uma alma morta, paradoxalmente viva, dando calor e dando brilho... O bonde corria. Corria...

Entrevistar Lelita Rosa!

Falar o mesmo idioma! Olhar seus olhos... Perscrutar seu coração... Invadir sua alma...

Deixar que minha fantasia se empolgasse... se extasiasse dentro de sua fantasia feminina...

E, emquanto esta fantasia circumdasse-lhe o coração, meu espirito amaria seus olhos negros... Pararia meus olhos inexpressivos... em seus olhos languidos... sensuaes... Sonhadores...

E, beijaria sua mão... e falaria de Cinema Brasileiro... e saberia a sua ambição... e a certeza de victoria...

O vehiculo corria sempre, velozmente. Tambem a minha convicção. Eu ia falar a Lelita Rosa.

Meu espirito, ainda e sempre devaneando em torno de seu espirito, empolgava-me mais e mais dentro de meu sonho...

Um sonho que não se ia realizar na realidade... a não ser na suggestão da personalidade inebriante de Lelita Rosa...

A historia? A entrevista?

Não sei...

A viagem terminara. Meu espirito se acalmara dentro de minha fantasia louca... longe, muito longe de Lelita Rosa... na incommensuravel amplidão que distancia meus olhos de seus olhos...

Mas, a certeza da victoria, antes iniciada, ficára.

Num pensamento convincente de que Lelita Rosa, é um elemento efficaz, na verdade, do Cinema Brasileiro.

E eu, de longe. Longe de tudo. Longe de todos, revejo o retrato de Lelita. Com mais interesse. Mais amor. Mais carinho. E por que não, mais saudades.

Um retrato!...

Lionel Barrymore, que com os films falados passou a ser um assombro, será o director de John Gilbert em "Olympia", da M.G.M.

A PERSONALIDADE INEBRIANTE DE LELITA ROSA...

De São Paulo

(De O. M., correspondente do "CINEARTE")

Falemos. Naturalmente da febre da actualidade: Cinema falado. Que, á cada passo, mais e mais se introduz em São Paulo.

Sim, porque o Paramount foi o primeiro que o poz. O Odeon, seguiu-o, inaugurando-o na sua sala Vermelha. O Rosario, no Predio Martinelli, tel-o-ha. E as Reunidas, para o Republica, já annunciaram 100 vezes e, até agora, nem sombra... Emfim... Esperemos.

E, verdade que se diga, é um genero que, pela sua novidade e curiosidade, está deixando todo mundo estupefacto.

Comecemos.

Ha dias, no Paramount, tive o prazer de ser apresentado ao Quadros Junior, seu gerente.

Eu de ha muito que o conhecia. Desde os seus tempos memoriaveis do Republica, quando elle fez as primeiras enscenações como a de "O Lyrio Partido", por exemplo. Recordam-se?

Pois elle mostrou-se gentil ao ponto de me convidar para assistir, após o espectaculo daquelle dia, uma exhibição especial da "A Rosa de Irlanda" (Abie's Irish Rose), que se exhibiria no dia seguinte.

Eu acceitei. Não só para não contrariar tão amavel convite, como, e, principalmente, para assistir á 3ª prova falada do novo e tão "talked" invento...

E, de facto, "Rosa de Irlanda", embora tenha a sua parte synchronizada perfeita e os seus "dialogues" feitos após a exhibição do film, que, no original era silencioso (eu procurei provas e dados, Senhor Quadros!) é um film que, com o auxilio das suas sequencias cantadas, sapateadas e recitadas, melhora, sensivelmente.

No original, talvez não passasse de "mais um film" sobre as lutas entre irlandezes e judeus.

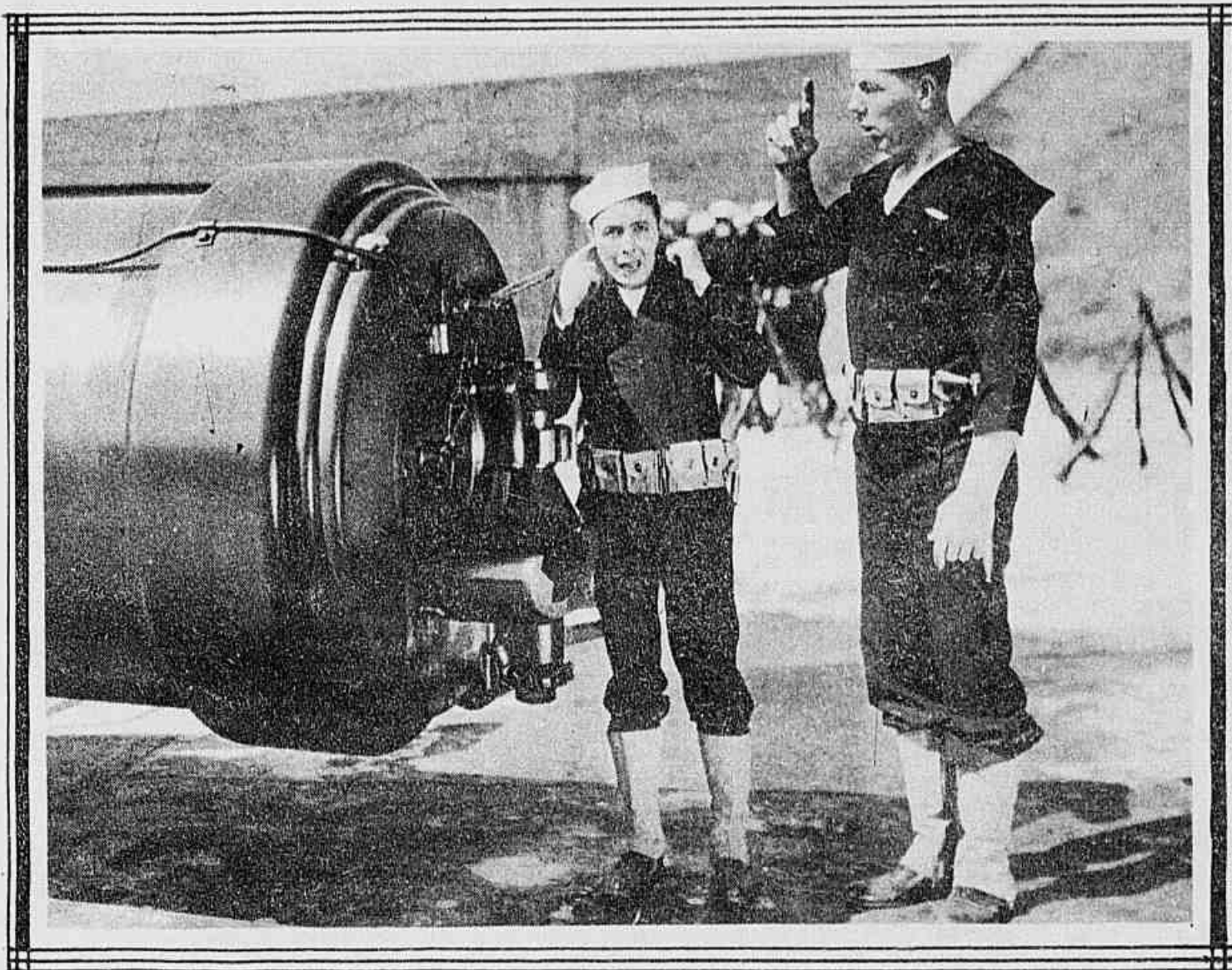
Mas aquella oração funebre, formidavelmente recitada por Jean Hersholt, com uma vóz possante, dramatica, commovente e entrecortada de soluços e lagrimas, é, positivamente, a cousa mais interessante que, até agora, eu tenho visto com Cinema falado.

Outrosim, as canções suaves cantadas por Nancy Carroll que, além disso se apresenta com vóz bem mais apreciavel do que em "O Anjo Peccador".

Mas, por falar neste ultimo film, "Anjo Peccador" foi bem melhor. Não só por ter um "synchronized" mais aperfeiçoado. E, principalmente, pela delicadeza do assumpto. Muito embora "Rosa de Irlanda" explore o genero mais facil de agradar o grande publico. Sendo, como é, um film religioso e focalizando aspectos neste thema.

"Coração de Slava", um film genuinamente silencioso, agradou-me plenamente. Confirmou a minha theoria de que os films silenciosos, bem feitos, dispensam, perfeitamente, qualquer genero de "sons" ou vozes.

No emtanto, a cousa está ficando interessante. E' que a concurrencia, neste genero, já está lançada. Serrador, o incansavel batalhador, "mais uma vez, não poupando esforços inauditos", seguindo as reclames. Mas que é mesmo verdade. Installa um apparelho desses na sala Vermelha. Inaugura-o, como já escrevi, com "A Dama Divina" e "Carmen", uns trechos da opera pelo tenor Martinelli. Mas a cousa até ahi vae bem.

Agora é que vae começar a graça. E' que já estão de unhas á mostra.

"CAMARADAGEM"... QUAL! VEJAM COMO KARL DANE AMOFINA GEORGE K. ARTHUR...

Preparados. O Paramount, ha dias, fez annunciar que ia, com "Rosa da Irlandia", dar a sua 142ª exhibição de Cinema falado em São Paulo. Referindo-se, com isto, á reclame barulhenta de "A Dama Divina".

E, afinal, o ruido todo, sommando-se, não passa mais, mesmo, de um Cinema... falado! Um film com musica synchronizada, gravada em discos especiaes e reproduzida em apparelhos especiaes. E com dois ou tres dialogos, aonde ouvimos a voz, as lagrimas, os suspiros e os gemidos dos nossos astros favoritos. Sendo que isto, entre outras vantagens, augmenta a metragem, extraordinariamente, pelo numero e tamanho dos primeiros planos que se filmam.

A objectiva, então, já não vae do olhar de um George Bancroft para o de um Ford Kohler e deste para o de um Leslie Fenton, convergindo, todos, para a maravilhosa Evelyn Brent. Absolutamente! Vae ao George Bancroft, sim, mas para apanhar-lhe o rangir dos dentes, o bramir dos pulmões e o retorcer da bocca para os palavrões, tudo isto num primeiro plano longo e exhaustivo.

Theatro puro...

E embora não se ouça a voz de Charles Rogers, em "Rosa de Irlanda", não sei bem porque, ouve-se no entanto, a de Jean Hersholt, que é tão photogenica quanto a sua personalidade. Muito embora eu o preferisse silencioso...

E os seus dois primeiros planos, recitando os canticos funebres da sua religião, pela morte de sua mulher e pela ideada morte de seu filho, são longos e feitos após, nota-se. Não pelo facto de se sentir a voz chegar ao microphone, que se abre, como o Quadros me explicou. E, sim, pela maquillagem de Jean Hersholt que é outra. E pela mudança perfeitamente perceptivel que se nota do plano anterior para este. Só mesmo se quem ver não quizer, mesmo, notar cousa alguma...

Uma cousa eu não nego. Até eu tenho curiosidade de assistir um film assim. Não pelo facto de apreciar esse assassinato impune que se está praticando contra a arte das artes. Mas pela vontade que tenho de "ouvir" os meus artistas predilectos. Mas eu sei que vae enjoar... A proxima, por exemplo, é "Interference", o primeiro 100% que se exhibe aqui. E, imaginem, um film todo falado, EM INGLEZ, exhibido em SÃO PAULO... Ouvindo o William Powell, deixando de ser William Powell para ser o artista dos suspiros e brados angustiados. O Clive Brook, a Evelyn Brent e a Dorys Kenyon.

Positivamente... Estamos caminhando para um fim que se delinea claro e evidente. A conquista do mundo, pelos Estados Unidos, usando um methodo. Inflammavel e singelo. Mas artistico e mais fascinador do que uma sereia. CINEMA!!! Será? Ouçamos...

E agora que as comadres vão brigar... Ouçamos...

O facto é que a cousa está ficando de facto importante. Os aeroplanos já não pódem voar sobre Hollywood. O Photoplay já publicou um photo da zona intransitavel para aeroplanos, sobre os studios da Metro Goldwyn... Os sapateiros só fazem sapatos de borracha, em Hollywood... Acho que só comem em pratos de borracha, com talheres idem... E a cousa mais respeitavel do mundo, digo, de Hollywood, afinal, é um objecto que, antigamente, só servia para infernizar os nervos e os ouvidos dos nossos vovôs: um microphone...

Emfim... Que tudo se soffra pelo amor do Cinema Brasileiro... Não acham? E quando o tivermos, então, ahi teremos o consolo de não precisarmos, por algum tempo, ao menos, dessa enfermeira que é a loucura da actualidade, a Western Electric...

O team do Cinema falado está engrossando... Mas eu acho que o outro não perde nada com isso...

Vendo, ouvindo e... escrevendo é que se pode ver e ouvir...

A maior das industrias e a menos explorada, entre nós, Cinema, soffre, constantemente, ultrages.

Eu sei que é demais o Pedro Lima ter a sua sessão semanal e, além delle, eu, daqui, martellar Cinema Brasileiro. Mas ha cousas que nos fazem falar. E escrever, consequentemente. Porque o que escreve livra-se de um mal certo. Falar sosinho...

A proposito de um artigo de J. Canuto, de ha dias.

"O Cinema Brasileiro não existe". E affirmava que ha dinheiro. Ha artistas. Ha bôa vontade. Mas o Cinema Brasileiro não existe...

Póde muito bem ser que o J. Canuto tenha solidas e razoaveis razões para assim affirmar. Elle já tem algumas producções por sua conta e, portanto, possue uma invejavel e apreciavel pratica. No emtanto, esta sua informação, mórmente nelle, um enthusiasta do nosso Cinema, é prova visivel de desanimo.

Aliás é um bichinho malvado que não poupa á ninguem...

Porque, sinceramente, eu não posso crer que o Quinote fale a serio. Elle sabe, perfeitamente, que o Cinema Brasileiro existe. Que vive. Que luta com mil e uma difficuldades mas que luta. Que vencerá. Que será a méta compensadora e logica dos esforços de todos nós que por elle nos batemos. E por que negal-o?

Eu sei, positivamente, porque me acho, actualmente, mais em contacto com o ambiente, que não é impossivel fazer Cinema no Brasil. Tanto mais se considerar a facilidade dos nossos ambientes e a quantidade de historias ineditas que podemos, com vantagens de intelligencia, focalizar.

Sim, porque, innegavelmente, o Brasileiro, depois do Norte-Americano, quer queiram, quer não, é o povo que, realmente, sabe comprehender o que seja o verdadeiro Cinema. Porque o estuda a serio. Porque sabe applicar os conhe-

cimentos que colhe, com vantagem até! Porque fazemos o que nem todos fazem: vemos longe!

E embora gente exista que se ria de nós, têm que saber, e saberão, que não ha film europeu que se possa comparar ás modernas producções do nosso Cinema. Principalmente pelo lado technico. Aonde se está aperfeiçoando.

E' questão de esperar. Nada mais.

FILMS

ROSA DE IRLANDA — (Abie's Irish Rose) — Paramount — Um film bom. E com sufficiente material para agradar á qualquer sorte de publico. Apresenta, como differença, uma phase um pouquinho mais nova do velhissimo thema de lutas raciaes, nos Estados Unidos.

Mas, em geral, é um bom film. Principalmente nas suas primeiras partes. Aonde vemos, estupendos, os idyllios soberbos do suave Charles Rogers e da encantadora Nancy Carroll. Particularmente aquelle do annel de noivado, quando estão vendo o casamento daquelle official francez, cégo...

E ha muitas outras scenas delicadas e bem feitas. Tres casamentos. Comedia. Drama. Dialogos. Synchronização. Sons. E mais uma serie de cousas analogas. Mas está interessante e agrada.

Vão ouvir os fox-trots que Nancy Carroll canta e sapatea. E as orações funebres que o Jean Hersholt recita.

Mas, nem por sombras, é um film do calibre de "O Anjo Peccador".

PRISIONEIROS DA NEVOA — (Caught in the Fog) — Warners — Um film passatempo. Nem soffrivel e nem máo. Apenas supportavel. Por certos aspectos do thema classico de diversos gatunos mettidos numa mesma casa com o mesmo fim e pelo trabalho sincero de Conrad Nagel e May Mac Avoy. Charles Gerrard, horrivel. Serve.

VELOZ POR AMOR — (Mille a Minute Man) ???? — Programma Matarazzo. — Vocês pódem rir. Aquelles quadros vivos que o William Fairbanks faz naquella festa na casa da sua namorada, positivamente, são a cousa mais cretina que tenho visto em fita. Nada de importante. Ao contrario. Tudo sem importancia. Virginia Brown Faire, já madurinha, é a estrella do estrello. George Chesero faz um villão horrivel.

é Gustav Von Seyffertitz. E Von Sternberg fica melhor ao lado do possante Bancroft e da explosiva Madame Baclanova...

A LUTA DOS SEXOS — (The Battle of Sexes) — United Artists. — P. V. observou, muito bem, que Griffith, o grande Griffith, quasi o pae do verdadeiro Cinema, anda fundinho em technica moderna de films. Descuida-se, lamentavelmente, de cousas comezinhas nos scenarios. Particularmente o que se chama continuidade de acção. Mas seus films, ultimamente, têm trazido uma nota predominante de "flesh" e têm, ainda, um "i" formidavel. As scenas, todas, com Phyllis Haver, são, positivamente repletas de encantos... Voces vejam o film. Apreciem o super magnifico Jean Hersholt. A soberba Phyllis Haver e admirem a caracterização de Don Alvarado... Que estupendos.

Photographia soberba. Direcção do mestre. Mas situações exaggeradas, diga-se, e não passa, mesmo, de mais uma historia de um "coronel" que se deixa levar pelos encantos de mais uma das "golds-diggers" dos romances de Anita Loos... Até parece que foi outro que escreveu isto, não é? Pois não é! Fui eu mesmo...

DINHEIRO EM PENCA — (Children of the Ritz) — First National. — Talvez eu esteja enganado. Mas é esta a edição de "Garotas Modernas" que a First nos offerece. Ao menos o caracter de Dorothy Mackaill, neste film, se não é peor ao de Joan Crawford, rivalisa...

Mas nem por sombras chega á sola do sapato do film da Metro Goldwyn!

E não passa, mesmo, da historia maluca de uma maluca pequena, que não tem de miolos uma nesquinha e que se casa com os 50.000 dollars do seu ex-chauffeur... Mas acaba conformando-se com a promessa, já se sabe!...

Jack Mulhall é a victima.

Doris Dawson, Leo Moran e mais outros artistas sem importancia, completam o "cast".

John Francis Dillon dirigiu commummente.

O PASSADO NÃO MORRE — (Romance of Underworld) — Fox. — Mary Astor em mais um film dirigido por Irving Cummings.

E bem dirigido, aliás!

Pode-se assistir sem susto. E' intelligente, moderno, cuidado.

Achei que faltou um pouco de rythmo no tempo do film. Ha saltos. Mas, apesar disso, está muito bem feito. Particularmente a delicadeza do amor entre Mary Astor e John Boles. Nascido dentro de um halo de puzera e bonitos sentimentos.

Ben Bard é a ameaça. Mas morre. Graças á intervenção de Robert Elliott. Opportuna e britannica.

Robert Elliott, aliás, rouba o film. Não é uma "joia" e nem uma "super". E', apenas, um bom film.

CAMARADAGEM — (Brotherly Love) — M. G. M. — Uma gozadissima comedia com Karl Dane e George K. Arthur. Cheia de piadas finas e maliciosas. Encanta e diverte.

As scenas iniciaes lembram "Roockies", o primeiro film da parceria.

Mas é um film cheio de piadas formidaveis e ineditas, algumas.

Não fosse Charles Reisner o director!

Afinal, é dessas cousas! E a da toalha de banho e do ventilador...

Assistam. E vejam como o Karl Dane amofina o George Arthur...

Ri-me escandalosamente!

OS COSSACOS — (The Cossacks) — M. G. M. — Film explosivo. Film relampago. Film mais rapido do que a desgraça. Mas, desgraçadamente, não é um film absoluto. Isto é, completo. Muito embora haja um elenco superior e uma direcção como a de George Hill, reputado um magnifico director.

Talvez a culpa caiba a Frances Marion. Talvez a George Hill. Mas o caso aqui é um só. Que eu estou na integra de accordo com P. V. Aliás a critica que elle fez deste film, analysou-o admiravelmente. Só faltou uma cousa. Citar o despedir de Renée Adorée, puro estylo "The Big Parade" e a exquisitice de John Gilbert e Nils Asther nunca apparecerem juntos, ao lado um do outro. Principalmente isto se nota na scena em que John Gilbert esbofetea Renée Adorée e Nils Asther tem um "double" em seu logar... Haverá alguem que explique isto?

Sou suspeito para falar de John Gilbert. Admiro-o demais para tanto. Mas gostei bastante de Nils Asther e outro tanto de Ernest Torrence. Só achei que Renée não é aquillo que poderia ser...

E é só.

DELICTOS DE AMOR — (Outcast) — First National. — Corinne Griffith... Actriz macia como um vestido de lamé... Mulher malicia que escreve para a gente num papel mais perfumado do que o seu corpo... E, além disso, uma admiravel actriz. Talvez a direcção de William A. Seiter a tenha ajudado basante. Talvez. Mas o seu desempenho é estupendo. Não só pela belleza do thema. Pela especie de galã que teve em Edmund Lowe. Como pelo caracter humano que creou. E devia, mesmo, terminar naquelle cigarro começando a queimar aquelle cheque...

A scena do casamento é esplendida. Elsie Ferguson ha annos fez este mesmo argumento com David Powell. Lembram-se? Não se lembram? Ora! Realmente é pena. Nem eu tambem me lembro.

O ROMANCE DE LENA — (The Case of Lena Smith) — Paramount — Um film de Von Sternberg. Preferiria nada mais dizer. Póde ser que o seu valor seja incanculavel. Pela fidelidade dos ambientes. Pelo estudo amargo e rispido de um aspecto da vida. Pela crueza do soffrimento de Esther Ralston. Mas eu não o apreciei. Achei-o demasiado longo. Exhaustivo. E não gostei de Esther Ralston. Apreciei James Hall. A sua morte está bem mostrada mas não é nova. E Jules Furthman, como scenarista, não se mostrou peor e nem melhor. O melhor elemento do film

CORINNE GRIFFITH, MULHER MALICIA.

ACTRIZ MACIA COMO UM VESTIDO DE "LAME"...

A VERTIGEM DO GALOPE

(GALLOPING FURY)

FILM DA UNIVERSAL

Billy Halen	HOOT GIBSON
Dorothy Shelton	Sally Rand
Tully	Otis Harlan
Jasper Thornby	Frank Beal
James Gordon	Edward Coxen
Zá das Sarnas	Max Asher.

Durante uma festa, realisada na Pensão dos Campos, Billy conhecera a representante de certo instituto de belleza, senhora cujo rosto estava cheio de deformidades e comprometteu-se a cural-a. Combinaram que seria feita a experiencia no dia immediato e, caso fosse coroada de exito, seria immediatamente fechado vantajoso negocio para a exploração das lamas da fazenda.

Tully estava sob pressão dos seus credores. Teria de resgatar os titulos em cuja posse estavam cu entregar-lhes a fazenda. No momento em que elles já falavam ao ancião como triumphadores, Billy realisava a experiencia, coroada, felizmente, de absoluto e admiravel exito.

Estabelecida as bases do negocio, o rapaz conseguiu da representante do instituto de belleza a somma necessaria para resgate das letras e partiu a todo galope para a fazenda, onde chegou justamente no momento em que se esgotava o prazo fatal.

Os vaqueiros resolveram não deixar Gordon sem o merecido castigo e atiraram-no, amarrado, dentro de uma poça de lama, emquanto Thornby pedia desculpas a Tully, dizendo-se victima do outro, e Billy e Dorothy, radiantes, trocavam um longo e delicioso beijo de amor.

Billy Halen era o homem da inteira confiança do velho Tully, proprietario de uma fazenda de criação. Rapaz alegre, tinha elle tambem a mania de deslumbrar os companheiros com certas sortes de prestidigitação, que os deixavam boquiabertos.

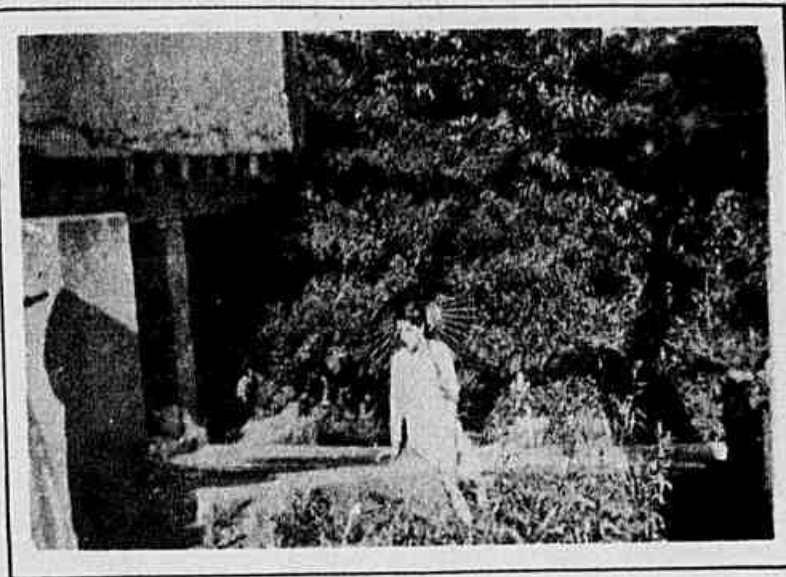
De uma feita, depois de uma dessas sessões, o pessoal entendeu de agarral-o e de castigal-o, atirando-lhe grande quantidade de barro ao rosto. Quando o retiraram, já secco, verificaram que Billy, cuja cara estava cheia de espinhas, tinha agora a pelle alva e absolutamente limpa. Aquelle barro, applicado pelos indios, tinha notaveis qualidades dermatologicas.

Proximo da Fazenda do Riso, ficava a Pensão dos Campos, onde "touristes" das cidades vinham viver a vida do Oeste... com roupas da Quinta Avenida. E estavam ali hospedados uns capitalistas, o sr. Thornby, sua sobrinha, a formosa Dorothy, e o seu secretario, um tal James Gordon, que já tinha descoberto o precioso thesouro que a terra da fazenda de Tully encerrava, tendo-a mandado examinar por chimicos, cujo parecer confirmára a excellencia das mesmas para os fins indicados. Tal industria daria uma fortuna e logo Thornby e Gordon se uniram para se apoderarem da fazenda. Em compahia de Dorothy, que se enthusiasmára com Billy no ultimo "rodeo", em que o rapaz fizera coisas do arco da velha, Thornby e Gordon se dirigiram para a casa de Tully, propondo-lhe a acquisição da fazenda. O velho não deu nenhuma resposta positiva, maronbando com os compradores, a conselho de Billy.

Já que o velho não solucionava o caso, lembraram-se os pretendentes de se entender com o banco local, obtendo a transferencia dos titulos de divida do dono da Fazenda do Riso, na importacia de vinte mil dollars, negocio que facilmente obtiveram.

Cinema de Amadores

(De SERGIO BARRETO FILHO)

Gastão Fromenti num Film Falado! — Os "Falkies" do Amador! — C Cine-Fone no Brasil.

Não ha duas semanas, os amadores cariocas começaram a notar que, na Rua do Ouvidor, aqui no Rio, uma novidade se lhes apresentava ás vistas e aos ouvidos, mas uma novidade mesmo do mais alto interesse. No começo deste mez de Junho, tinha-se encerrado a Exposição de Rádio e Phonographia, e um dos expositores, a "Dental Manufacturing Co." Tinha inserido nos jornaes o seguinte e interessante Aviso ao Publico:

"Devido á exiguidade de espaço na Exposição de Radio e Phonographos que actualmente se está realisando no Beira-Mar Casino, não dando logar a que se possa levar a effeito uma demonstração efficiente deste moderno apparelho, que, mesmo assim, tem despertado sensivel interesse, prevenimos aos Srs. interessados que, a partir de Junho, em nosso estabelecimento á Rua do Ouvidor, 127, faremos demonstrações a quem nol-o pedir, das 16 ás 18.30 horas".

Ao lêr este "aviso", o amador, como é natural, sentiu uma justa curiosidade; e, assim, levantando os olhos para o cabeçalho, foi encontrar o nome do apparelho mencionado, isto é: o "Cine-Fone De Vry, o Cinema Falante para amadores". No dia seguinte, é logico, elle se achava na "Dental Manufacturing Co.", ou, por outra, na Optica Ingleza, pedindo informações do Cine-Fome. O amador conheceu o desenvolvimento extraordinario que a industria do Cinema em-Casa tem alcançado nestes ultimos dois annos.

Sim, senhores! E' mesmo uma coisa formidavel! Os profissionaes annunciam, com uma actividade febril, o "proximo", o "breve" lançamento do Cinema Falado em suas casas de espectaculos; e, antes disso, nós, os modestos amadores, já temos esse mesmo Cinema-Falado nas nossas proprias casas! E' ou não é formidavel?

O passo dado pela Optica Ingleza, no sentido de introduzir o Cine-Fone no nosso paiz, é digno dos maiores elogios e do melhor reconhecimento por parte dos verdadeiros amadores. A casa De Vry fica tendo a sua representação exclusiva, no Brasil. A Optica fica com a possibilidade de bem servir aos amadores, offerecendo o unico "Vitaphone" fabricado até agora especialmente para o amador.

Em 1919, isto é, 10 annos atraz, os projectores portateis da De Vry já eram bastante conhecidos. Mas esses projectores a que nos referimos eram destinados aos films communs, isto é, para o "standard".

A pellicula para amadores ainda não tinha sido creado, e, por isso, só modelos communs, mas perfeitamente portateis, se impunham. Carregar uma De Vry na mão era assim como levar um desses phonographos portateis de hoje. O mesmo peso e o mesmo volume.

Esses projectores De Vry hoje estão muito desenvolvidos. Embora conservando o mesmo aspecto exterior, o de uma maleta de couro fechada, de 17 x 17 x 7 pollegadas, tendo a base em uma das faces inferiores de 17 x 7, esses projectores agora já apresentam diversos typos. Ha, por exemplo, o modelo para as fazendas de criação, um grande meio de diffusão para o ensino da Agricultura, ha o modelo para as igrejas, ha outro para as escolas, cinemas ruraes, etc., e ha um especialmente para o vendedor, agente, ou collocador de artigos na praça, como se diz, de alto valor para o agente industrial.

A camara De Vry tambem é para 35mm. Montada em tripé de madeira, solido, teve a capacidade de 100 pés de film "standard" e é uma das poucas camaras de 35 mm. cujo movimento é o motor; não tem manivella portanto; parece-se muito, externamente, com o Cine-Kodak, a não ser que seja o Cine-Kodak que se parece com ella. O são esses os modelos De Vry para o film "standard".

Na represa de Santo Amaro!

Quando appareceu o film de 16 mm., a De Vry tratou de apresentar o seu typo de projector, e, assim, surgiu o projector, sem camara.

E' interessante notar a intenção da casa: "E' mais util o projector do que a camara. O amador que quizer filmar, use logo o film "standard", apesar de mais dispendioso". A casa quer dizer com isso que recommenda o projector de 16 mm., ao passo que prefere a camara de 35.

Foi juntando esse p r o j e c t o r a um systhema de phonographo, que a De Vry realisou o apparelho o qual denominou "Cine-Fone De Vry". Vamos procurar apresentar aqui, aos leitores do "Cinema de Amadores", um resumo desse maravilhoso, bem como da impressão que elle nos causou.

Precisamos porém apresentar os nossos agradecimentos ao Sr. Harvey Chalk, gerente da "Dental Manufacturing Co." no Brasil, que tão amavelmente nos convidou para uma sessão do Cine-Fone.

O apparelho completo está contido em uma maleta de couro marroquim forrada internamente de velludo azul-claro. No interior da tampa, ao ser esta levantada, encontra-se uma divisão fechada, á esquerda; levanta-se a tampa, e encontram-se quatro compartimentos, occupado cada um por um film Cine-Fone, de 100 pés cada um. Ao lado desse compartimento para os films, ainda no interior da tampa, ha compartimentos para 2 lampadas sobresalentes. A caixa propriamente dita contem o apparelho, que desce verticalmente e descansa no fundo da mesma. Ha ainda 2 compartimentos verticaes e estreitos, um para o prato giratorio do apparelho, e outro para os discos, que são de 25 cm. e duram o mesmo tempo de audição que o film na projecção. Esses discos são forrados na face inferior com um tecido avelludado.

Agora o apparelho propriamente dito. Compõe-se elle de um estrado de metade sobre o qual assenta, á direita, o projector, e á esquerda, o... (como diremos?)... o phonographo. O projector é simplicissimo; Dois carreteis de 400 pés, uma roda dentada com dois "gahets", uma objectiva esplendida, muito luminosa, um motor directo, sem correias de trasmissão, collocado á direita do apparelho, e uma lanterna á esquerda, illuminando a janella de projecção pelo systhema de reflexão; a luz bate num espelho e d'ahi volta-se para o film. O eixo da roda dentada prolonga-se, horizontalmente, até a esquerda do apparelho, e, ahi, vae ligar-se ao... (como diremos?)... ao auditor.

Essa parte do apparelho é mais simples. Um tronco de cone, vertical, até a altura da lanterna; ali, sobre elle, um prato giratorio de 30 cm. Outro tronco de cone, entre o "auditor" e o projector, sustenta o braço com o diaphragma.

O eixo da roda dentada faz girar o prato. O som passa do diaphragma para as valvulas (esqueciamos de dizer que a reproducção do som é electrica, como nas "electrolas" — "radiolas", etc.) e dahi vae ao alto-falante, sendo que qualquer apparelho de radio póde ser usado para esse fim.

Para projectar o film falado, colloca-se o disco na prato com a agulha no primeiro sulco. Em seguida, colloca-se o film no projector com um quadro (um só quadro" em que se lê a palavra "start" (inicio) na janella de projecção. Depois, liga-se o projector a qualquer tomada de corrente, o auditor ao alto-falante ou um apparelho de radio, o qual deve ficar por traz da téla, carrega-se na chave do motor, e... a imagem começa a falar, cantar, etc.

Em companhia do Sr. Harrey Chalk, "ouvimos" alguns films. Embora esses films sejam mais, verdadeiras canções illustradas do que propriamente films, a projecção interessa muito, principalmente pela perfeita synchronisação. O Sr. Hervey não acredita no successo do vitaphone. Elle prefere o movietone. Acha que o vitaphone é muito complicado e dispendioso.

Mary Brian e Charles Roggers em "Magnolia". Reparem o microphone e demais dispositivos...

Nós tambem pensamos assim. Aliás não fazemos muita fé no Cinema Falado profissional. O Cine-Fone é differente. O Cine-Fone é mais um phonographo cinematographico do que um cinema phonographico.

Basta o facto de não haver uma camara Cine-Fone, e, por isso, a possibilidade de um amador realisar o seu primeiro film falado. A não ser... Sim; a não ser que se faça como fez e propria Optica Ingleza. O u ç a m isto, amadores:

O conhecidissimo a r t i s t a de phonographo, Gastão Fromenti, cantou

(Termina no fim do num.)

NO DESFILADEIRO

(SUNSET PASS)

Jack Rock . . . . JACK HOLT
Leatrice Preston . . . . NORA LANE
Ashleigh Preston . . . . JOHN LODER
Windy . . . . CHESTER CONKLIN
Chuck . . . . CHRISTIAN J. FRANK.

Peeples, um homem de má catadura e peores precedentes, que ha já mezes vinha occupando um dos cubiculos de uma penitenciaria do Arizona, não se mostrou contente quando certa manhã vio que lhe davam um companheiro de casa. Recebeu-o de sobrecenho cerrado, a bocca arreganhada numa expressão hostil, e para logo assentou tratal-o mal, fazer-lhe sentir os seus direitos de precedencia na habitação commum.

Mas Jack Rock, o novo "pensionista" do Estado, parecia ser homem de boa paz, pois só correspondeu áquelle mau acolhimento com espirito alegre e folgazão, sem difficuldade vencendo, em poucos minutos, a injustificada hostilidade do outro. Não tardou muito até que entrassem os dois no caminho das confidencias, como velhos camaradas:

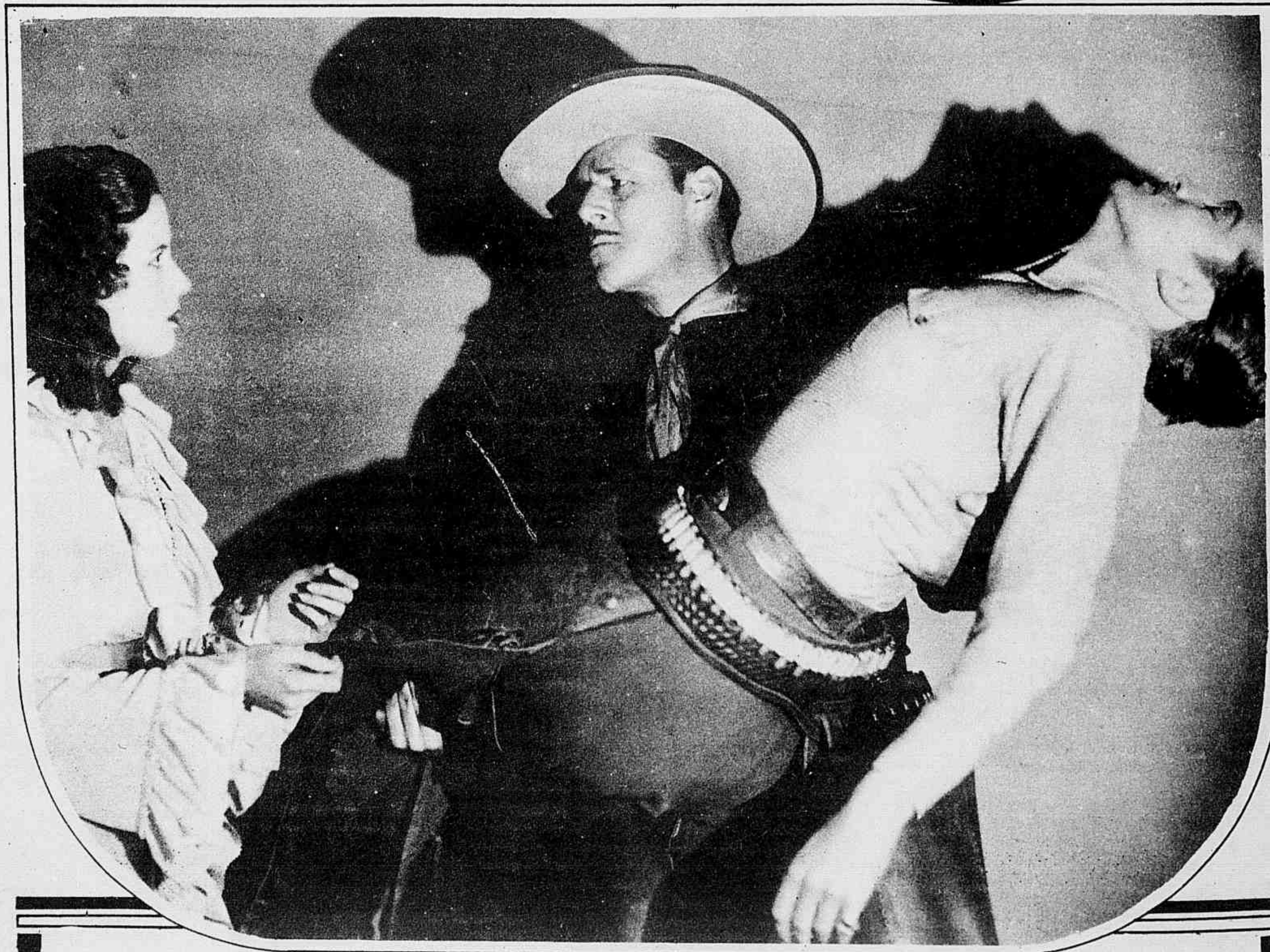
— Vaes ficar por aqui muito tempo? — disse Peeples.

— Seis mezes, — tornou Jack.

— E por que vieste parar aqui? — insistiu Peeples.

— Roubo de gado...

— Outro tanto, cá por casa!... Os seis mezes passaram depressa, e nesse espaço de tempo, Jack Rock, que estava bem longe de ser um criminoso como o outro, conseguiu realizar o seu intento.

De ha muitos mezes, aquella região do Arizona era theatro das façanhas de uma quadrilha de ladrões de gado, e rara semana se passava sem que algum criador se visse privado por ella de valiosos haveres. A policia punha-se em campo, sem grande resultado, e não demorava um roubo, praticado com iguaes caracteristicas de audacia e destemor. Tudo indicava que os movimentos dos malfeitores eram di-

DO OCCASO

FILM DA PARAMOUNT

rigidos por um espirito intelligente, affecto á vida de aventuras e que sabia conduzil-as pondo do seu lado o maior numero de probabilidades de exito. As diligencias em varios pontos da região não haviam permittido apurar quem fosse esse homem, nem onde podia estar localisado o seu centro de operações. E por isso, de combinação com as autoridades superiores, se havia Rock sujeitado representar o papel de um sentenciado, para deste modo melhor se pôr em contacto com Peeples, captivar-lhe a confiança, e fazel-o dar á lingua. Fôra um trabalho de paciencia e de tacto, que absorvera os seis mezes da sentença, mas terminadas que elles foram, sahiu Rock da cadeia com elementos de informação preciosos, que promettiam exito ás diligencias em que ia proseguir para o castigo dos culpados. Peeples acabara falando, o orientador da quadrilha, o seu chefe, era um colono inglez, Ashleigh Preston, homem valente e sagaz, proprietario, de uma pequena herdade em Wagontongue.

Mas teria Peeples falado verdade? Era isso o que Rock ia apurar *in loco*, e por isso, semanas depois, vamos encontral-o frequentador assiduo do botequim de Windy, que era, por assim dizer, o centro social dos moradores daquella aldeia numa das mais remotas e agrestes regiões do Estado. Um dia elle assiste nesse "bar" a uma das scenas tão frequentes nesse genero de pontos de reunião. Um vagabundo audacioso suscita uma troca de palavras com um rapaz sympathico que ali se acha pacificamente bebendo, e quando se sáe mal das suas provocações, os companheiros do desordeiro pretendem tirar a desforra do rapaz. Mas Rock que tem horror á villania, frustra-lhes o plano, vae em auxilio do desconhecido, e acabam os vagabundos por sahir em disparada, depois de receberem uma bôa lição do rapaz que se demonstra homem destemido e affeito ao pe-

(*Termina no fim do numero*)

Mais vale amigos na praça do que dinheiro em caixa". Isto é um velho proverbio que eu sempre ouvi.

E' por isto que eu fui á casa de Norma Shearer; uma casa que eu tenho passado tantas vezes, e que eu jamais imaginei ser ali seu ninho de amor...

Tão socegada! Respira tanto gosto artistico em tudo em volta! Tudo tão bem tratado que mais parece a casa de um velho, conservador... e daquelles ranzinzas!

Nascida no Canadá, claro está que sua man-

NORMA E SEU MARIDO, IRVING THALBERG.

NORMA SHEARER

POR L. S. MARINHO

(Representante de "CINEARTE" em Hollywood)

O SORRISO DE NORMA SHEARER, E' UMA DESTAS COUSAS QUE SE VÊ, SE SENTE, E FAZ A GENTE DAS PULINHOS E GRITAR "EU ESTOU LOUCO!..."

são não seria de estylo hespanhol, como é usual aqui entre as estrellas, porém, uma casa simples, grande, de quasi dois andares, e construida a estylo inglez.

Nada de pretensão. O jardim trazeiro é uma belleza, e o interior da casa, parece um sonho feminino. Um sonho de mulher bonita. A sala de visitas é ampla; uma pequena galeria, e ao lado uma escada que dá accesso aos quartos.

Na sala um grande piano; um excellente divan em frente da lareira sempre ardendo. Uma porção de quinquilharias espalhadas pelos cantos, e uma estante cheia de livros. Muitos livros. Com ares de terem sido lidos.

Tinha infallivelmente o celebre quadro do barco á vela...

Emfim! Era uma sala onde um mortal sente-se feliz, sente conforto e um bem estar indizivel... Esta sala, como outras que tenho visto, não é cheia de ornamentações sem utilidade. Cheias de almofadas parecendo sentinellas e que carregam aquelle ar enfatuado de "de não me toquem". Nada de antiguidades, nem cadeiras a Luiz não sei quantos, e nas quaes não se deve sentar...

Senta-se nas almofadas, queima-se madeira na lareira e usa-se qualquer cadeira.

Um lar reflecte o caracter de quem reside ali. E a casa de Norma, é justamente o reflexo de sua propria personalidade. O seu senso pratico nas cousas da vida.

Pareceu-me uma pessoa de methodos regulados, e possuidora de um cerebro logico. Perto de Norma, um mortal sente-se á vontade. Conversa-se sem que as theorias do interlocutor, seja sobre que assumpto fôr, fique subindo e descendo em sua garganta. Eu fui a casa de Norma Shearer fazer uma visita — acompanhar um amigo. Não fui fazer entrevista.

CONFIOU NO DESTINO

Mas, está lógico que ali, deveria puxar a braza para minha sardinha, isto é, trazer a conversa para minha conveniencia, mesmo em despeito da qualidade da visita.

E assim, eu olhava seus olhos algo semelhantes aos de Nita Ney, e ouvia suas palavras, faladas deliciosamente. Ella é a voz de ouro do Cinema falado...

Entre outras cousas, Norma me disse: "Minha irmã e eu viemos para New York igualmente como centenas e centenas de outras moças. Confiadas no destino de um successo imaginario, e ignorantes do significado da palavra fracasso."

"Não é muito agradavel recordar meus primeiros dias de experiencia, indo de studio em studio a procura de trabalho como extra."

"Do trabalho de extra, sempre surge pequeninos "bits". E quando se faz um destes "bits", crê-se logo estar na estrada do successo. Um aspirante, depois de uma ponta, imagina-se logo que não deve fazer mais extra. Simplesmente porque, começam a ser conhecidos, e realizam que, permanecendo a fazer extra, é não sahir mais desta posição."

"Quebrar a barreira do convencionalismo existente nos studios, sem experiencia alguma de palco, sem nenhum conhecimento dos altos e baixos do negocio, é cousa que não aconselharia pessoa alguma a fazer, comtudo, se eu tivesse de fazer tudo o que fiz, francamente eu faria."

Imagino o orgulho que pode ter qualquer artista que attinge o posto de estrella, sem ter tido pratica de palco, sem cousa alguma, além de semblante lindo, algum talento, e grande determinação para vencer!

A CORRESPONDENCIA DE NORMA... QUANTO AMOR NÃO DIZEM SUAS CARTAS...

EM SUA CASA DE BERVELY HILLS, TÃO SOCEGADA, RESPIRA TANTO GOSTO ARTISTICO...

"Eu tenho observado muitas pequenas em Hollywood" continuou Miss Shearer, "principalmente aquellas que trabalham por prazer, aquellas que guardam o que ganham porque não precisam, ficar extra todo tempo."

"A actividade e a necessidade são cousas que contam

(Termina na pagina 20).

Viagem de Repouso

(CLEAR THE DECKS) — FILM DA UNIVERSAL

Jack Armitage .... REGINALD DENNY
Miss Bronson .... Olive Hasbrouck
"Matreiro" .... Otis Harlan
Enfermeiro .... Lucien Littlefield
A loura .... Collete, Merton
Trumbull .... Brooks Benedict
Piloto .... Robert Anderson
A tia .... Elinor Leslie

Dois larapios, cumplices do piloto de bordo, preparavam o furto do valioso collar de miss Bronson. Armitage estava morto de fome e, aproveitando a sahida do enfermeiro para a refeição da tarde, illudiu a vigilancia que fôra estabelecida em torno delle e foi ter ao camarote do casal de larapios, que tinham pedido para serem servidos na "cabine". E estava elle á mesa, quando os patifes regressam, em companhia do piloto. Estabelece-se a luta, o collar é passado para as mãos do piloto, que o guarda no bolso. Ha o diabo. Accorrem os de bordo e todos vão parar á presença do commandante, já informado do furto da preciosa joia de miss Bronson.

Afinal, depois de varios incidentes e complicações, a verdade se esclarece e o collar é encontrado no bolso do chefe da quadrilha, que ha muito operava nos navios da companhia, sem que fosse possivel descobrir o autor dos successivos desapparecimentos de joias de passageiros.

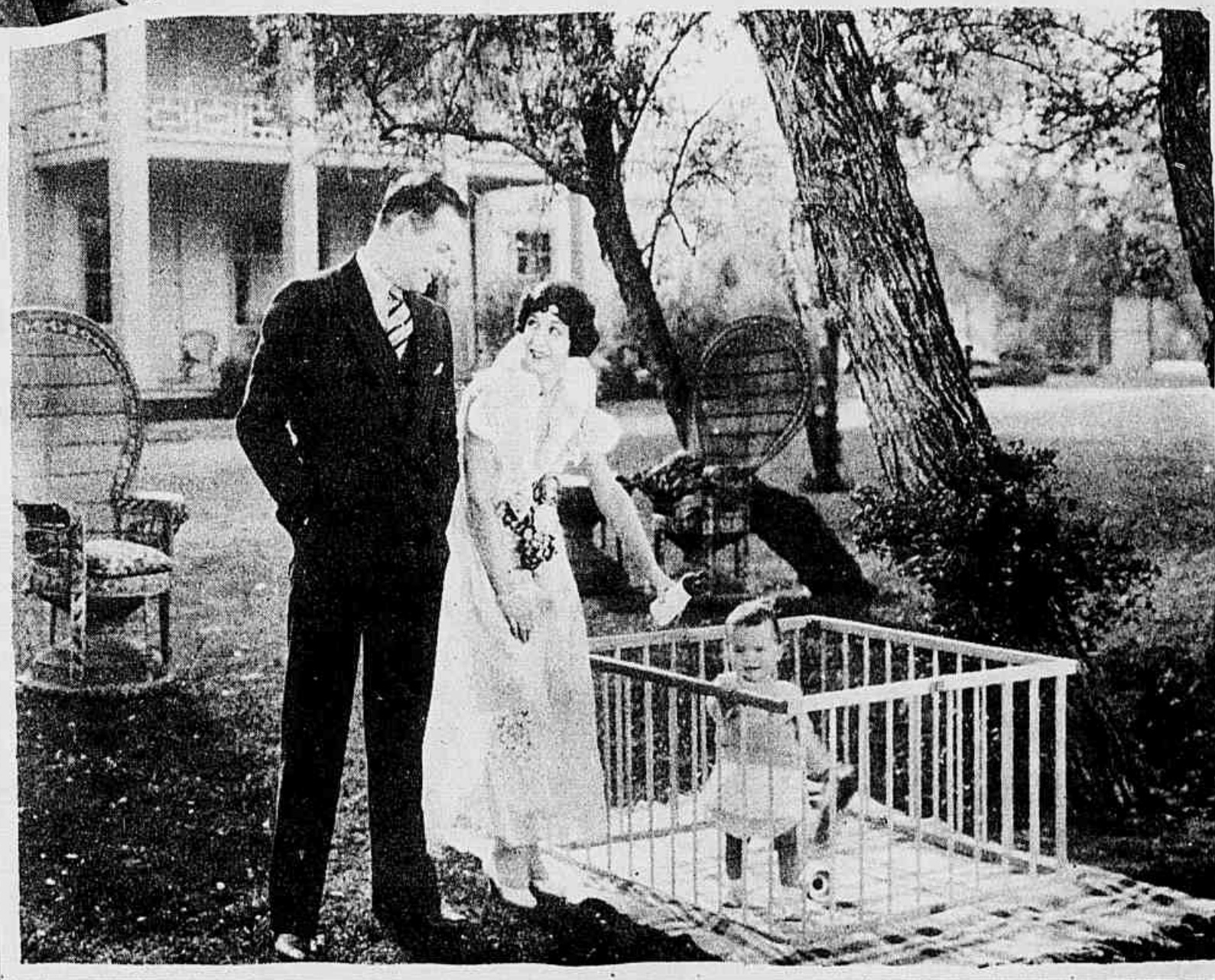
Miss Bronson tambem tinha sido empolgada pelo bichinho que róe, que róe, como se diz na canção, e acceita a ventura que Artimage lhe offerece, depois de, sob falso nome, ter sido heróe de aventuras mirabolantes.

A titia exigia que o sobrinho, seu unico herdeiro, fizesse uma viagem maritima, para se restabelecer de uma enfermidade, hypothetica ou não. O sobrinho era Trumbull, rapaz que ficára naquelle dia de almoçar com Jack Armitage, um amigo de infancia. Faltavam algumas horas para a sahida do vapor, quando o enfermeiro, contractado para cuidar do moço a bordo, se communicou, pelo telephone, com a titia do enfermo, dizendo-lhe que estaria no caes, á hora determinada, e que seria reconhecido pela cabra que levava, cujo leite tinha sido prescripto pelo medico ao doente.

Jack Armitage não era homem que esperasse por quem quer que fosse para almoçar. Sentou-se á mesa, á hora ajustada, e mandou que o "garçon" o servisse. Terminada a refeição, ia a sahir, quando viu duas moças em outra mesa. Uma dellas o fascinou. Tentou dirigir-lhe algumas palavras, mas a linda creaturinha, que era miss Bronson, não lhe deu corda. Levantou-se e desappareceu por entre o movimento intenso do restaurante. Armitage ouviu-a dizer que ia embarcar e, como não tivesse guardado o nome do vapor, começou a procurar informações em todas as companhias de navegação. Um incidente curioso fel-o recordar-se subitamente, do nome do vapor, o "Pee-Py", que deveria partir dentro em pouco. Armitage, porém, estava sem sorte, pois já não havia passagens á venda, completa, como estava, a lotação do navio.

Desesperado, sahia elle da séde da companhia, quando viu Trumbull approximar-se. Propoz-lhe partir em logar delle e o outro, após alguma indecisão, acceitou, passando-lhe os respectivos documentos.

Começa ahi a odysséa do nosso Armitage, a victima do amor á primeira vista. O enfermeiro acabou por descobrir o doente que não conhecia e metteu-o no camarote, disposto a cumprir severamente as ordens da titia. E entrou em funcção o leite de cabra, remedio para tudo, repellido pelo estomago de Armitage, acostumado a outros acepipes.

Peripecias fantasticas se desenrolam, então. Armitage, o falso, o pseudo Trumbull fóge do camarote em camisa de dormir, mette-se no compartimento destinado á venda de charutos e cigarros e começa a distribuir a mercadoria. Outras peripecias e de novo o agarram, levando-o para a "cabine". Já então, o rapaz havia encontrado miss Bronson, que foi informada de que o rapaz perdera o juizo.

CAMILLA HORN

Primeiro ella fez a Margarida do "Fausto"...
Depois tem sido o diabo...

A Popularidade não é tão bôa assim...

Fóra do imposto sobre a renda, o problema mais grave que affrontam os artistas do Cinema em Hollywood é encontrar refugio contra os colleccionadores profissionaes de autographos.

Nils Asther estava crente de haver solucionado isto, admiravelmente. A sua repentina popularidade, o obrigou a fugir do hotel onde residia em Los Angeles. Não podia elle estar sentado lendo tranquillamente os seus jornaes de Stockolmo sem que o telephone lhe chamasse a todo instante. Recebia convites de festas de gente a quem nem siquer conhecia; urgentes pedidos de ir a visitas em casa de gente que apenas mal sabiam pronunciar o seu nome.

Nils aborrecido com isto, arrumou a sua bagagem sueca de exercicios physicos e mudou-se para um club de athletismo. Infelizmente, um porteiro marcava num quadro do vestibulo a entrada e a sahida dos socios residentes. Não havia por onde escapar. Todas as pessos sabiam assim quando é que Nils estava em casa, e o telephone tilintava até que elle se decidisse a responder para seu proprio repouso

NORMA TALMADGE, ÁS VEZES, TAMBEM TEM DE ABANDONAR O CONFORTO DA SUA RESIDENCIA, PARA, IR MORAR NUM HOTEL.

Um bello dia resolveu elle dar um passieo em seu automovel para procurar um logar socegado onde morar. Subiu a uma collina muito alta onde avistára elle uma casa.

"Que rua é esta?" Perguntou Nils ao proprietario do predio.

O proprietario moveu a cabeça envergonhado. "Sinto muito", disse elle desculpandose, "mas nem siquer temos ainda registrado o endereço destas alturas!"

Nils empunhou immediatamente o seu livro de cheques. Magnifico! Fico com a casa! exclamou elle.

Transcorreram algumas semanas de perfeita paz e solidão. Ninguem havia por lá a não ser Nils, o seu cachorro "Clumsey" e o seu criado phillippino. O astro sueco, pois, ia se sentindo muito feliz. A campainha da porta jamais tilintava. A casa não tinha telephone. O seu visinho mais proximo ainda não existia.

Mas, esta vida tranquilla não durou muito tempo.

O studio, porém insistiu para que Nils instalasse um apparelho telephonico. A companhia de telegraphos negava-se a entregar naquellas alturas os telegrammas dos studios.

Certa vez, á uma hora da manhã — ouvese a campainha do telephone.

"Quem será?" pensou Nils, das profundidades da sua cama. Levantou- e attendeu.

"O senhor não me conhece, Mr. Asther, mas eu sou um seu grande admirador e esperava que me fizesse o grande favor de vir assistir á festa do dia de meu anniversario..."

"Bam". E Nils poz o receptor no gancho.

Depois disso alguns amigos de Nils disseram a outras pessoas o logar onde elle morava. Por seu turno estes tambem contaram a outros amigos que, por sua vez, perpetuaram a interminavel cadeia, até que uma procissão de gente perfeitamente desconhecida começou a visitar o actor, felicitando-lhe pela sua escolha daquelle logar tão pittoresco, e até suggerindo que o logar era maravilhoso para uma excellente festa!

Os vendedores ambulantes de todas as especies começaram então a apparecer na casa de Nils em busca de bons negocios.

Os contrabandistas de bebidas Fulano ou Sicrano iam tendo uma "champagne magnifica" que podiam deixar-lhe a razão de 135 dollars a duzia. Nils não tinha intenção alguma de pagar 135 dollars por uma caixa de champagne para que outras pessoas a bebessem.

Queriam vender-lhe de tudo: automoveis, moveis de vime, pianos, radios, roupas, lotes de terrenos no municipio de Las Vegas, Nevada; queriam que elle fosse socio de clubs aquaticos; pediam-lhe donativos para fundos destinados a este ou aquelle fim, faziam-n'o assignar cheques para sustentar causas das quaes nem elle proprio nem os solicitantes entendiam palavra.

Póde-se imaginar a confusão de Nils, certo domingo pela manhã, em que ainda se achava em pyjama. Ao abrir a porta de sua casa em resposta á campainha deu de cara com certo individuo a quem havia conhecido por acaso num salão de barbeiro, e que se achava acompanhado de toda a familia, preparados a passar o dia inteiro com o artista, afim de admirar o lindo panorama da ilha Catalina, sem necessidade de oculos de alcance nem o incommodo e gastos de uma excursão maritima. Imagine-se só o desespero de Asther quando, ao regressar a sua casa de outra feita, a altas horas da noite, descobriu parado em frente á entrada o automovel de um amigo, cujo chauffeur havia aproveitado a occasião para trazer a sua noiva com o fim de mostrar-lhe que conhecia pessoalmente a Nils e assim gabar-se de ser intimo amigo do grande astro.

Imagine-se como não se teria agradado o nosso heróe, de uma visita que lhe fez as quatro horas da manhã, um dos garçons de certo cabaret russo, que vinha ler para Nils um argumento original, certo estava elle de que o bondoso Mr. Asther o apresentaria pessoalmente a Louis B. Mayer, facto que iria trazer ao "escriptor" o dinheiro sufficiente para pagar a sua passagem de regresso a Vladivostock.

Taes contratempos, porém, não acontecem sómente a Nils Asther.

Lew Cody, no apogeu de sua popularidade, viu-se obrigado a abandonar a sua casa de Berverly Hills e alugar um bungalow á beira mar, afim de poder dormir descansado. Os seus "amigos" invadiam a casa a todas as horas do dia e da noite, e não lhe davam um momento de repouso emquanto houvesse alguma coisa para comer na geladeira, ou para beber, na adéga.

"Eu não podia nem siquer tomar um banho sem que alguem estivesse a chamar-me!", affirma o artista.

Norma Talmadge teve tambem de abandonar a sua residencia ultimamente para ir viver num hotel. Bess Meredith, que tem a reputação de ser uma das mais brilhantes donas de casa, teve que fechar a sua elegante residencia de Crescent Heights e tomou para si um modesto apartamento de hotel.

"Necessito tomar um pouco mais de conhecimento commigo mesma", explica ella. "Por agora só sei apenas como me chamo".

Alice White, a garota mais moderna entre todas estas garotas modernas de Hollywood, é

(Termina no fim do numero)

Farina
(Our Gang)

Cinearte

Corinne Griffith
(FIRST NATIONAL)

Cinearte

Clara Bow

Margaret Huffman
(MACK SENNETT)

O dinheiro dá coragem

(THE HAUNTED HOUSE)
FILM DA FIRST NATIONAL PICTURES

Franck . . . . LARRY KENT
A enfermeira . . . . THELMA TOOD
Alberto Rackam . . . . EDMUND BREESE
Gustavo . . . . SIDNEY BRACY
Nair . . . . BARBARA BREDFORD
Ms. Rackam . . . . FLORA FINCK
Marcos Rackam . . . . CHESTER CONKLIN
O mordomo . . . . Wm. V. MONG
O medico louco . . . . MONTAGU LOVE
A somnambula . . . . EVA SOUTHERN
Jack, o "chauffeur" . . . . JOHNNE GOUGH.

Mãos mysteriosas misturaram arsenico á agua que o millionario Alberto Rackam ia beber. E, em pouco, elle começava a sentir-se mal, salvando-se de morte horrivel graças a prompta intervenção do seu medico assistente. Desde então o velho ricaço não teve outra preoccupação senão descobrir quem, tão perversamente, tentara eliminal-o. E suppondo que o criminoso estivesse entre os seus herdeiros naturaes, os seus sobrinhos Franck, Marcos e Nair e o seu empregado de confiança Gustavo, preparou, com todos os cuidados, uma farça e mandou chamal-os urgentemente. Cumprindo as ordens recebidas, os enviados, chegando a cada um dos sobrinhos de James Herbert, disseram que o millionario, consciente de que poucas horas lhe restavam de vida, mandára chamal-os afim de confiar-lhes as suas ultimas disposições testamentarias.

Sem perda de tempo, o velho Rackam estava rodeado dos seus sobrinhos, cada qual se mostrando mais cumpungido pelo desenlace fatal. E a todos elles o millionario deu uma carta lacrada, pedindo-lhes para entregal-a a uma dama que, mais tarde, os procuraria. E, despedindo-se de todos, aconselhou-os a viverem sempre em paz, o pensamento voltado para Deus.

———

Desde que chegou em casa, a senhora Marcos Rackam não teve um instante de socego tão ansiosa e afflicta estava ella, de conhecer-lhe o grande segredo. E tanto se entregou a esse grande desejo que, vencida pela maior curiosidade, abriu-a. Os olhos espantados, o coração aos pulos, tanto ella como o marido, leram tudo que o tio confidenciava tão veladamente á mysteriosa dama, indicando-lhe o thesouro que guardara em determinado logar de uma sua velha casa de campo, deshabitada e em aban-

(*Termina no fim do numero*)

Pergunta-me Outra...

ENRI (Rio Grande) — Recebemos e gostamos muito. Gratos. Quem foi que lhe disse isto? Tratam-se de duas pessoas distinctas; uma joven, outra já bastante idosa. Esta, é justamente este seu creado...

A. S. QUEIROZ (S. Paulo) — O Pedro Lima agradece o seu convite e lamenta não poder ter ido assistir o film. Mas fica aguardando a sua exhibição aqui no Rio.

RUDY (Nictheroy) — De vez em quando elles fazem "reprises" dos films de Valentino. E' possivel que muito breve o amigo ainda possa assistir a dos films que se refere. Se as copias estiveram em codições, se os pedidos augmentarem, talvez não demore muito. Sim, o Gonzaga talvez traga alguma cousa a respeito. Agradecemos os parabens. Sciente sol re o autor do desenho.

K. DUCO (Rio) — 1° — First National Studios, Burbank, California. 2° — Metro-Goldwyn, Culver City, Cal. 3 — Warner Bros. 5842 Sunset Blvd. Hollywood, Cal. 4° — First National, Burbak, Cal. 5° — 2$000.

ADOLPHO RADUN (S. Pau o) — Fox Film. 1.401 No. Western Ave. Hollywood. Cal.

FRANÇOIS RENÉE (Viçosa) — Por emquanto ainda não ha uma organisação perfeita e que esteja funccionando regularmente. O melhor que elle tem a fazer, é enviar a esta redacção dois retratos (um de frente e outro perfil), juntamente com todas as caracteristicas. Quando qualquer uma das casas productoras d'aqui necessitar de um typo como o seu, será chamado.

Mas, se elle tem todos os preparos, conforme diz em sua carta, é bom que procure uma collocação num escriptorio commercial ou numa repartição publica. E' conselho de amigo.

SEVERINO UCHÔA (Alagôa Grande) — A gerencia, de accordo com o pedido nosso, despachou a seu favor. Silencio. Esperamos que nos ajude no que prometteu.

GERONCIO TEIXEIRA JUNIOR (Araguary) — Envie dois retratos seus (frente e perfil) á fabrica productora que deseja trabalhar ou então á esta redacção. Logo que se offerecer uma opportunidade, será chamado. Mas, não se admire se demorar muito a ser chamado... Deve saber perfeitamente que isto aqui não é como na America.

SIDNEY BYRON (Viçosa) — 1° Benedetti Film. Rua Tavares Bastos N° 153, casa 3. 2° — Terminou "Barro Humano" ha algum tempo. Actualmente, não. Lelita Rosa, Carlos Modesto e Gracia Rangel. As cartas devem ser endereçadas á Benedetti Film. 4° — Por emquanto ainda não existe um completo, mas o da Visual Film, em S. Paulo, é um dos melhores. 5° — Enviar dois retratos, bons, (perfil e frente) e todas as caracteristicas, endereço, etc. Depois, paciencia e... esperar ser chamado.

LAKE (Rio) — Você está enganado. A pessoa desta secção é outra. Endereço particular não temos actualmente. Dirija a carta para Paramount Studios; 5 451 Marathon St., Hollywood, Cal. Aqui estamos ás ordens.

MANOEL J. DE SOUZA COSTA (Alto Estoril — Portugal) — Ficamos satisfeitos em saber que esta revista muito lhe agrada, bem como agradecemos os elogios que faz ao progresso no Cinema Brasileiro. Sim, não é preciso enviar dinheiro. Entregamos a sua carta á sua artista predilecta. Ella vae enviar a photographia.

CORAÇÃO (Rio) — Pode endereçar a carta á Benedetti Film, rua Tavares Bastos N. 153, casa 3.

EMIL NOVARRO (Recife) — Escreva a todos os tres, para United Artists Studios, 1.041 N. Formosa Ave, Hollywood, Cal.

FROZO (Porto Alegre) — Acceite parabens de toda "gang". Quando pretende vir ao Rio? Grato pelos retratos.

MARCELLINA DAY E MONTE BLUE

EIMAR PINTO PESSOA (Miss Parahyba) — Gratos pela gentileza. Aqui ficamos á sua inteira disposição no que estiver em nosso alcance.

SATHNINA (Minas Geraes) — Ella está actualmente produzindo films de sua propria companhia brasileira, em Hollywood. Em Dezembro, talvez, esteja aqui e então... Quanta cousa mudará de figura... "Escrava Izaura" é da Metropole Film. E' irmã.

JAYME CIRILLO VIEIRA Rio) — Ha muito que não toma parte num film. Não temos o seu endereço actualmente.

DIDI (Atibaia) — Deve passar. O film está sendo distribuido pela Universal. Peça informações aos emprezarios dos Cinemas locaes. 1° — vinte e dois, 2° 1899.

ROTIEH (Bello Horizonte) — Então, ficou satisfeito? Calcule só d'aqui ha alguns annos, quando o Cinema se desenvolver, a cotação que elles e outros não terão.

HELDA (Rio) — Queira desculpar-me só agora dar resposta á sua delicada cartinha, mas, são tantas cartas e cada pergunta... O artista que se refere, chama-se Gordon Elliott. Sim, é muito possivel que Ben Hur ainda seja exhibido este anno nesta capital; aliás, seria uma "reprise" bem desejada por muita gente. Quantas pessoas nos tem perguntado isto. Envia, porém, actualmente, está nos Esados Unidos. "The Pagan", breve, pode ficar certa.

Adeusinho, Helda.

Norma Sherer confiou no seu destino

(FIM)

verdadeiramente. Eu deixei minha cidade, e vim confiante, na certeza de que venceria, assim como trazia a determinação de não voltar sem ter vencido."

"Eu tinha a necessidade. A força de vontade."

"Outro dia, uma pequena extra, no "set", perguntou-me se poderia dar-lhe um conselho. Se eu julgaria ella deveria continuar, persistindo na luta, a lutar sempre e sempre, a espera de seu dia".

Minha resposta fôra um "não" bem accentuado. Eu não poderia aconselhar a pessoa alguma, procurar fama atravez dos films, quando não ha determinismo.

Entretanto, ella perguntou-me, se eu tivesse de fazer tudo novamente, se faria. Certamente que sim, foi minha resposta."

O determinismo que me daria forças para abrir o caminho, faltava grandemente naquella pequena.

"Recorrendo áquelles primeiros das de luta constante, e continuas dores de cabeça, eu gostaria de saber, se eu tivesse concebido a idéa de tudo isto, se teria tentado! Talvez não! Mas, eu eu sinto-me satisfeita com o que succedeu."

— E o verdadeiro principio de sua carreira, uma vez que está falando sobre ella, perguntei-lhe.

"Sem conhecimento absolutamente algum da vida de theatro, e sem experiencia, minha irmã Athole e eu deixamos Montreal destinadas a New York para tentar o Cinema".

"Nenhum amigo para nos aconselhar, nem tão pouco amigos na —industria para nos encorajar. Nenhuma de nós conheciamos actores ou actrizes, porém nossa convicção de vencer valia mais do que qualquer conhecimento. Este era nosso julgamento."

Os primeiros dias foram de insuccesso. Não tinhamos a minima esperança de encontrarmos trabalho, nem mesmo falar a qualquer "casting director".

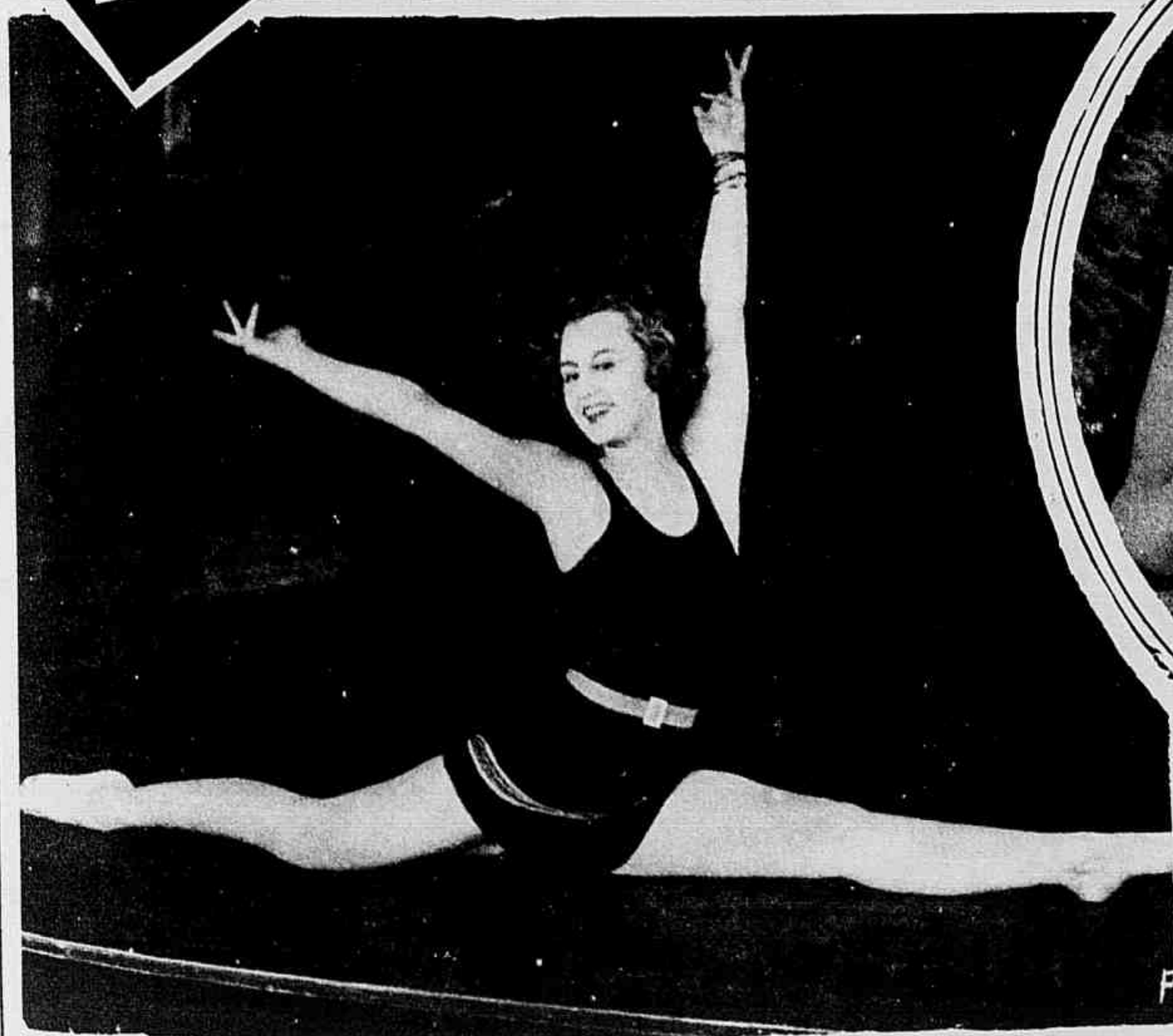
"Por intermedio de uma agencia de empregos, conseguimos falar com um assistente de director de uma companhia de comedias."

"Isto é uma historia que V. já deve ter lido diversas vezes. Não importa? Elle precisava doze moças para tres dias de trabalho, entretanto, mais de cincoenta já se tinham apresentado como provavel candidatas."

(Termina no fim do numero).

Ufa! que Pe-que nas...

LILIAN HARVEY

JENNY JUGO

MARIETTA MILLNER

O Amor e

(LOVE AND THE DEVIL)

Lord Dryan . . . . Milton Sills
Giovanna . . . . Maria Corda

Desde que chegara á Veneza, regressando de arriscadas caçadas na Africa, Lord Dryan, um nobre inglez de alta estirpe, não mais afastava do espirito a imagem daquella mulher de seducções irresistiveis. Vira-a no dia em que chegára, no "hall" do hotel, e não mais deixára de vêr, procurando-a sempre e sempre e por isso mesmo indo, noite a noite, á Opera, na ansia de ouvil-a cantar e sentir-lhe, de longe mesmo, toda a fascínação embriagadora que lhe emanava do corpo e lhe transbordava pela voz. E se suprehendendo assim tão impressionado pela grande cantora, cujo corpo de mulher fascinava-o mais que a sua gloria de artista, Lord Dryan sorria, porque atravessara a Vida indifferente aos carinhos e ás mentiras das mais deliciosas inimigas do homem. Mas aquella, de tal maneira o empolgára que elle, escravisado á idéa de conhecel-a, deixava-se ficar no "hall" do hotel, horas inteiras e noites inteiras, perdia na Opera até que um dia logrou o seu primeiro triumpho. Apresentado á formosa Giovanna, Lord Dryan, entre o desapontamento de meia duzia de cortejadores persistentes, lhe mereceu attenções e carinhos especiaes. E tão seduzida ella ficou com o seu

O Demonio

FILM DA FIRST NATIONAL PICTURES

Barotti . . . . Ben Bard
A creada de Giovanna . . . . . . Nellie Bly Baker.

trato pessoal que prometteu recebel-o, essa noite mesmo, depois do espectaculo... Tal combinára, Lord Dryan, vencendo mais uma vez os seus concorrentes ao amôr da celebre cantôra, foi por ella recebido com as provas da maior ternura e do carinho maior. E, a sós no camarim de Giovanna, os dois conversavam, itimamente, quando o tenor Barotti, que dedicava um immenso

amôr não correspondido por aquella, entrou. Giovanna fel-o retirar-se, delicadamente e, dessa noite em diante ao mesmo tempo que no coração de Dryan se gravavam as raizes de uma grande paixão se enterravam, tambem, as garras de atróz ciume. Preso aos encantos e á ternura de Giovanna, Dryan pensando no passado daquella mulher estremecia a idéa de que ella tivesse pertencido a Barotti, a quem começava a odiar. E comprehendendo que os rigores do seu temperamento não se conciliavam com a situação a que as circumstancias o levaram, propoz a Giovanna dar-lhe, além do amôr, o nome e a fortuna, com a condição de partirem para Londres onde ella na paz e na tranquillidade do lar esqueceria os tumultos da gloria! Gio-

(Termina no fim do numero)

Gary Cooper

Elle será sempre um homem attrahente para as mulheres. Mesmo quando a idade já curvar os seus seis pés de altura, as mulheres ainda adejarão em seu derredor. E, sem duvida, se remontassemos a vinte e seis annos atraz iriamos encontrar o bello em torno da charrete daquelle menino a fazer-lhe agrados, a offerecer-lhe bonbons em troca de um sorriso.

Gary Cooper pertence, na verdade, a essa especie de homem que possue o dom de despertar a sympathia e admiração em todos que d'elle se approximam.

Despido dos ornamentos ordinarios da seducção masculina, isto é, cabellos reluzentes e bem alisados, olhos velados, sorriso ironico e trajar impeccavel, ainda assim a legião dos seus admiradores — admiradoras, diriamos melhor, cresce a cada nova producção.

Gary Cooper tem sido erroneamente considerado um cow-boy. Ha um pouco de verdade... e de romantismo nesse equivoco, mas não a verdade inteira. Elle é filho unico do Juiz e Sra. Charles H. Cooper, de Helena, em Montana. Gary passava os invernos naquella cidade do oeste, frequentando a escola, e os verões num grande rancho de gado de seu pae. Os seus primeiros estudos foram iniciados na Inglaterra, onde elle esteve durante dois annos, enviado por seu pae. Voltando aos Estados Unidos, matriculou-se no Iowa College. Seus paes eram dois aristocratas de cabellos brancos, e o ambiente em que Gary se creou era muito superior á media habitual.

De accordo com o que informa sua mãe, a primeira impressão produzida no espirito de seu filho pelo sexo opposto, data dos sete annos, e a "luz dos seus olhos" não era mais nem menos do que a professora que lhe ensinava o b-a-ba. E manda a verdade que se diga que a joven mestra nunca se apercebeu da adoração do seu alumno.

Os interviewers queixam-se de Gary, dizendo ser elle um máo paciente para entrevistas. De ordinario, elle se afunda em prolongado silencio depois de cada pergunta e, quando se resolve falar, o faz em muito poucas palavras, verdadeiro estylo telegraphico. Gary só fala quado tem qualquer coisa a dizer, habito verdadeiramente notavel num individuo que vive em Hollywood ha quatro annos.

GARY COOPER COM SEUS PAES, NO DOCE LAR DE MONTANA...

Muita pouca gente sabe que Gary iniciou-se numa carreira artistica, que nenhuma ligação tem com o Cinema. Durante todo o seu curso escolar, elle estudara desenho, visando dedicar-se aos trabalhos commerciaes e, quiçá, á caricatura; e foi com esse objectivo que elle desembarcou em Los Angeles, no Thanksgiving Day de 1924.

Depois de muitas tentativas infructiferas e desanimadoras para obter trabalho das emprezas de publicidade e dos jornaes locaes, elle chegou á conclusão de que no campo da arte não se encontrava o dinheiro facilmente. E elle precisava de dinheiro immediatamente, sinão para si, pelo menos para sua familia, para quem as coisas não corriam muito bem no rancho de Montana, desde a guerra. A propriedade estava hypothecada, e os recursos da familia eram vorazmente consumidos pelos encargos da divida.

E opprimido pelo pesadelo dos cheques, das bank notes, do dinheiro, Gary viveu mezes, até que um dia descobriu que um bom cavalleiro podia perfeitamente ganhar quinze ou vinte dollars por semana, montando para os films de Cinema.

O rancho de Montana, onde elle aprendera a montar como um cowboy, o rancho que o obrigara a ir para o Oeste em busca do dinheiro rapido, atirava-o nos braços da opportunidade. Gary encontrou trabalho em abundancia com os productores independentes poden-

Está Noivo?...

do assim mandar a Montana alguns cheques alliviadores. Elle não tinha illusões quanto á sua competencia para representar; o seu objectivo era apenas um: ganhar o dinheiro sufficiente para salvar o rancho paterno e permittir que elle proprio pudesse dedicar-se a exploração do desenho. commercial.

Mas uma telephonada num dia chuvoso de inverno de 1925, veio modificar todos os planos bem amadurecidos de Gary. O escriptorio de elencos de Sam Goldwyn, convidava-o concisamente a comparecer no dia seguinte de manhã, para um pequeno papel de cavalleiro num film denominado "THE WINNING OF BARBARA WORHT". E aconteceu que o pequeno papel acabou transformando-se num papel emocional e, para nos servimos da linguagem de Hollywood, Gary embrulhou o film e o metteu debaixo do braço.

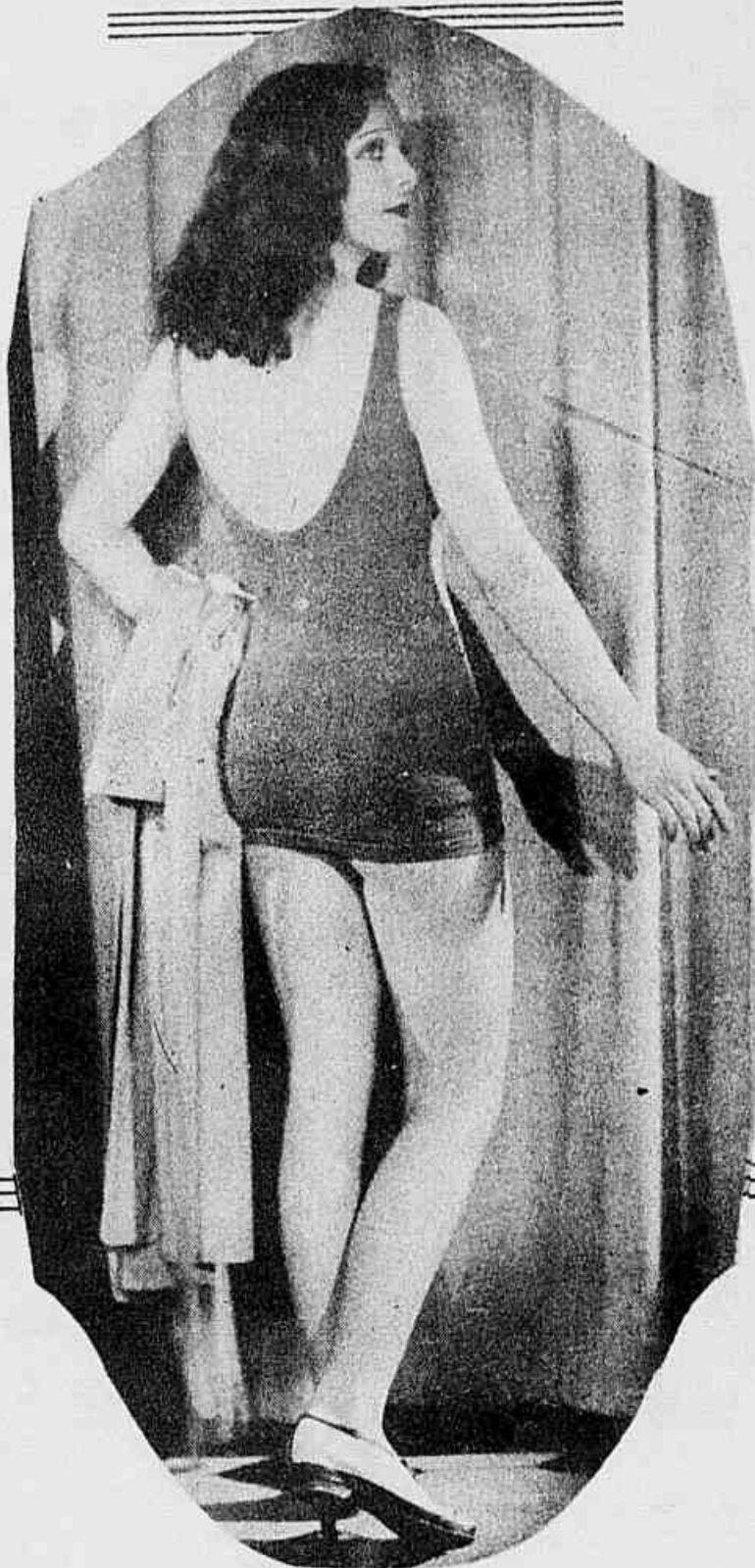
Antes do film ser exhibido em Los Angeles, elle assignava um contracto de longa duração com a Paramount; entretanto, Gary declara que mesmo aquelle documento de feitio legal não lhe inspirou nenhuma visão rosea a respeito da carreira scenica. Servir-lhe-ia apenas para arrumar alguns cobres durante um par de annos e voltar a cuidar do seu primitivo intento, desenhista de reclame commerciaes.

Depois de um trabalho de cavalleiro na Paramount, cresceram os rumores da popularidade em torno do seu nome, e elle se viu rapidamente despachado personagem de enredos sociaes, antes de saber como se portar na presença de um copo de cocktail ou de uma mão de mulher a beijar.

Quanto ao rancho... não, Gary não o esqueceu. A unica folga que obteve durante quatro annos de Hollywood, elle foi gosal-a ali. Eram apenas dez dias, mas Gary tomou logo o trem e ficou nos seus penates até o ultimo minuto. Elle projecta fazer no anno proximo uma casa para sua familia, uma milha distante da velha residencia. E todo o tempo que lhe deixar livre o studio; elle o passará pescando no rio e caçando nas montanhas que lhe são

(Termina no fim do numero).

DESDE QUE GARY COOPER FEZ O PAPEL DE APAIXONADO POR LUPE VELEZ EM "CANÇÃO DO LOBO". QUE A PEQUENA MEXICANA FEZ-SE DONA DO SEU CORAÇÃO...

Da Pontinha...

SALLY BLANE

VOCÊ É UM AMOR...

De Curityba

(DE CONSUELO, CORRESPONDENTE DE "CINEARTE")

ENTREVISTANDO ARTHUR ROGGE

Era um domingo, bello, com o majestoso sol a illuminar a poetica terra dos Pinheiros. Era uma despedida de 1928 que nos brindava com tão fascinante dia. Mas eu, apezar desse esplendor todo, pensava: o ultimo domingo do anno de 1928, um anno no qual o NOSSO CINEMA deu os maiores passos possiveis, que nos mostrou a "graça" morena da nossa Gracia, a fragil e bella figurinha de Eva Nil, o "it" "Clara Bowesco" de Lelita, a sympathia attrahente de Nita e outras tantas bellezas, assim como o typo varonil de Carlos Modesto, o "que" americanisado de Luiz Sorôa. Tudo isto e ainda mais, os milhares de "fans" do nosso Cinema, dos quaes eu faço parte.

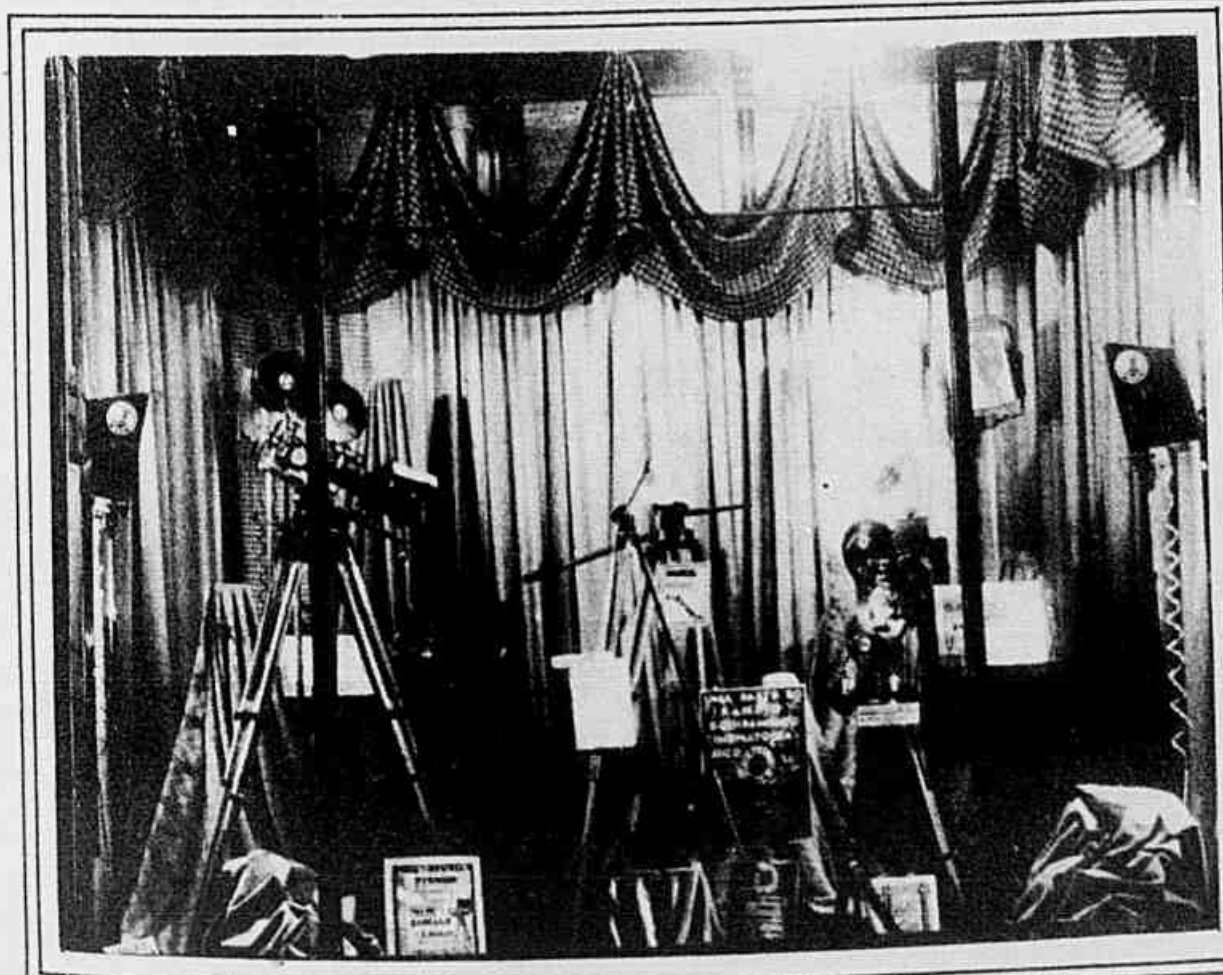
Mas passava-se 1928 e eu nada tinha feito pela Cinematographia Brasileira. Nada, absolutamente. Não, isso não poderia continuar. Eu, a mais ardente admiradora da mais bella de todas as Artes, teria, custasse o que custasse, que fazer alguma cousa, mais que dedicar a minha admiração. Pensei... E resolvi... Visitarei Arthur Rogge, isto mesmo; e fui directa á sua residencia. Como toda "fan" que pela primeira vez vae entrar em contacto com uma pessoa, da qual, quem sabe, não depende o nosso futuro cinematographico, fui, nervosa não direi, mas, um pouco... talvez emoção; mas fui pensando, "CINEARTE"... Eva... Lelita... Operador... A. A. Gonzaga... Gracia... Luiz... Reynaldo... Pedro Lima... Nita... Humberto Mauro... Cheguei, recebeu-me a figura sympathica de Rogge, que graças ao seu genio communicativo, poupou-me o trabalho de puxar as regras do protocollo, dando-me ensejo de poder admirar o seu espirito gentilissimo de perfeito cavalheiro.

Principiei dizendo-lhe que minha visita visava o fim de saber seus planos futuros, os quaes, como bôa admiradora que sou, enviaria a "CINEARTE".

— Primeiramente confeccionarei estes negativos, para cuja experiencia tenho o prazer de a convidar.

— Oh! muitissima agradecida...

— E, confeccionando estes negativos á titulo de experiencia mostro como se faz legendas em alto relevo.

— Depois, então principiarei minha primeira producção.

— Ah, sim? E que pretende filmar primeiramente?

— Pretendo principiar por uma alta comedia.

E encontrará typos adequados?

— Sim, encontrarei, e depois uma bôa "maquillagem" faz typos, os quaes terei o maximo cuidado em escolher.

E, como em todas as rodas cinematographicas, a nossa conversa foi até o Film Falado.

E que me diz do Film Falado, pretende tambem cultival-o?

— Sim, d'qui a dois annos pretendo trazer para o Brasil o apparelhamento.

— D'aqui a dois annos? Acha que nesse espaço de tempo o silencioso se terá desenvolvido bastante para abraçarmos o outro?

— Sim, e quem sabe mesmo se d'aqui a um anno não estarei embarcando com destino a Hollywood para este fim?

Conjecturas... Esperanças de fim de anno. Promessas de anno novo...

Agora, voltei de novo a visitar-lhe. Saber as novidades. E porque não confessar, "CINEARTE" não confia muito nas promessas de Arthur Rogge, devido a sua demora em entrar em actividade. Calculem a minha sincera alegria, ao ver ali na sala, aonde entrei, todo o apparelhamento que Rogge tinha confeccionado, bellos e caprichosamente trabalhados, aperfeiçoamentos delle mesmo, elaborados com a ajuda de suas proprias mãos; ahi está porque Rogge tem protelado até esta data a sua estréa. Até hoje não temos nenhuma de suas producções confeccionadas é por achar que ainda não está completo o seu equipamento.

As suas palavras foram estas, quando perguntei qual a razão da demora de sua estréa: — Porque vou eu começar agora se estou ainda com algumas faltas em meu apparelhamento? Não, eu quero principiar quando tiver tudo em ordem, tudo, e que eu possa fazer um bom film, porque, ou eu produzo um bom film ou não produzirei nada em absoluto.

Eu sei, eu comprehendo, que "CINEARTE" já conhece de sobra as promessas de muitos cinematographistas, mas não receio dizer que si eu mesma já tive duvida sobre a realização dos planos de Rogge, essa surgida por occasião de sua entrevista com relação á propaganda do matte, da qual fui sabedora por intermedio de uma noticia publicada em um vespertino desta capital; tenho agora novas esperanças.

O seu apparelhamento consta de:

Uma copiadeira automatica; uma colladeira tambem automatica; um tripé giratorio; Bébé tripé; Adaptador corrediço; projectores de luz e outros tantos apparelhos de valor diminuto, todos aperfeiçoamentos das machinas já existentes na Europa e Norte America, aperfeiçoamentos estes de sua imaginação.

Tudo isto, a confecção de todos esses apparelhos é que tem retardado a sua estréa, e implantado tanta desconfiança; mas tive o enorme prazer de saber que o Rogge pretende começar dentro de tres semanas a trabalhar nos negativos que trouxe de Norte America os quaes intitulam-se "Hollywood Studios", e irão ser distribuidos em jornaes cinematographicos. E depois então dessa experiencia, irá até ahi ao Rio de Janeiro, principiando na sua volta a sua primeira producção, que será uma alta comedia.

Humberto Mauro, mostrou que com força de vontade e intelligencia, mesmo com pouco equipamento, se faz um film, e um film digno de elogios. Rogge irá mostrar que com calma e tempo, sem pensar nas despezas, se pode possuir um equipamento digno de uma grandiosa empreza productora.

A exposição dos seus apparelhos em uma casa commercial desta capital foi uma verdadeira apotheose para elle. Os parabens e as felicitações foram aos milhares.

Agora vamos ver como elle se aproveita desta opportunidade em prol da Industria do Cinema Brasileira.

SOBRE "BRAZA DORMIDA"

O sol pairava luminoso sobre a poetica terra dos Pinheiraes... Os seus raios queimavam mais que os "itescos" olhares de Lelita... Os cabellos fulvos de Clarinha... Os requebros langorosos de Anita Page... As incomparaveis "graças" da nossa Gracia...

Curityba agitava-se qual Thelma Todd... Qual Alice White... No seu movimento de tres horas da tarde, de uma tarde linda... de sol e luz...

Descia eu pela rua do Riachuelo. Calmamente. Fleugmaticamente... Pensando? Sim! Naturalmente em CINEMA. Pois é isto que me occupa mais seguidamente o espirito! Espirito de CINEASTA. Puramente CINEASTA!

E eu caminhava lentamente. Assim como lento era o meu pensamento... Passei pela Praça Generoso Marques... e d'ali divisei a estação

(Termina no fim do numero).

ARTHUR ROGGE SENDO ENTREVISTADO POR NOSSA CORRESPONDENTE EM CURITYBA.

A EXPOSIÇÃO DOS APPARELHOS DE ROGGE NA VITRINE DE UMA CASA COMMERCIAL.

O QUE SE EXHIBE

NORA LANE BRILHA COM A SUA FORMOSURA EM "UM MARQUEZ EM COMMANDITA"

PALACIO-THEATRO

NOS DOMINIOS DE SATAN — (Seven Footprints to Satan) — First National — Producção de 1929.

Um desses films amalucados com fartura de monstros e vultos mysteriosos, primeiros planos de gente apavorada e alçapões imprevistos. Como sempre os heroes se vêm mettidos numa complicação dos demonios numa casa escura e rica de salas escuras. A gente logo prevê um despertar do heroe ou da heroina pouco antes do final. Mas engana-se desta vez. Não é um sonho; é apenas a realização de um plano para a cura do heroe. O que vale é que de vez em vez surgem bôas passagens de comedia e admiraveis effeitos de luz. E depois só Thelma Todd suppre todas as outras falhas... Creighton Hale continua a tremer... Sheldom Lewis, Sojin, Laska Winters, De Witt Jennings, Kalla Pascha, Nora Cecil e outros tomam parte.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

JAZZLANDIA — (Jazzland) — Quality — Producção de 1929 — (Prog. Serrador).

Francisco Serrador faria obra muito mais lucrativa, meritoria e sobretudo patriotica si em vez de perder tempo com estes films horriveis da Quality exhibisse os films brasileiros produzidos e que não encontram locação.

Historia idiota mal construida e illustrada pessimamente. Direcção de principiante obtuso E' interpretação por conta do elenco.

E' mais uma dessas historias de luta entre jornalistas moralisadores e um grupo de patifes. Horrivel! Vocês nem devem olhar para o cartaz... Vera Reynolds, Virginia Lee Corbin, Forrest Stanley, Florence Turner, Carroll Nye, Violet Bird, Carl Stockdale e outros tomam parte. Passem de largo.

Cotação: 2 pontos. — P. V.

ODEON

A DAMA MYSTERIOSA — (The Mysterious Lady — M. G. M. — Producção de 1929.

Um bom film, que serve, sobretudo, para elevar Fred Niblo no conceito dos seus admiradores. E' um grande allivio para quem viu "Sonho de Amôr". Sei perfeitamente que Fred é director para muito mais. Entretanto, este seu trabalho não destôa muito do resto de sua obra.

O assumpto, embora velho e conhecido, deu ensejo a que Bess Meredyth traçasse um scenario magnifico, por vezes admiravel. O film só é enfeiado por um subtitulo, e este visivelmente collocado por estranhos a sua confecção. E' um encadeamento moderno de sequencias bellissimas, cheias da riqueza do estylo de Bess e de toques caracteristicos de Fred Niblo. As primeiras partes que sommam duas esplendidas sequencias, encantam pela maneira como estão contadas. Mantêm o interesse do "fan" pela acção amorosa, que se desenvolve, vertiginosa e inebriante, e sustenta uma interrogação que só encontra resposta num primeiro plano de Albert Pollet, que marca o final da segunda sequencia. Dahi por diante o film não melhora, mas o elemento amoroso é mantido com tanta seducção e no final temperado com tão bello "suspense", que a gente o assiste quasi enlevado, entre os uniformes photogenicos dos officiaes, os primeiros planos de Greta Garbo, a belleza e o luxo dos interiores, os beijos dos heroes e os perigos que os ameaçam. E' uma onda de sympathia que se desprende de tudo. O final é que pecca por demasiadamente feliz. Assim mesmo está tão bem dirigido que a gente o acceita facilmente...

Greta Garbo tem novamente opportunidade de dar largas ao seu extraordinario talento e ás suas cleopatricas qualidades de seducção. Achei-a apenas menos Greta Garbo que das outras vezes. Mas isto se explica facilmente — a sua paixão aqui não é carnal, não é uma paixão feita da ansia da volupia e do prazer. Ella ama sinceramente o homem que tem de trahir.

Conrad Nagel não é um John Gilbert, mas está bem compenetrado do papel que vive. Gustav Von Seyffertitz enche de ameaça e "suspense" a segunda metade do film. Os outros do elenco são Edward Connelly, Richard Alexander e Albert Pollet.

Cotação: 7 pontos. — P. V.

HARRY LANGDON E' UM TYPO ORIGINAL EM TODOS OS SEUS FILMS...

IMPERIO

UM MARQUEZ EM COMMANDITA — (Marquis Preferred) — Paramount — Producção de 1929.

Dos ultimos films de Menjou é este sem duvida o mais fraco. O seu enredo não apresenta aquella finura de construcção que caracteriza os films do elegante astro. Nas suas sequencias não se percebe o espirito e a malicia tão pro-

NO RIO

prios dos seus films. E' apenas uma farça-satyra quasi convencional, dirigida vulgarmente por Frank Tuttle. Menjou é o unico que se salva pela força de sua personalidade incomparavel. Nora Lane só brilha pela formosura com que a dotou Deus. Os outros escurecidos naturalmente por estes dois e muito mal aproveitados nada addicionam ao film. Chester Conklin por exemplo está muito mal aproveitado.

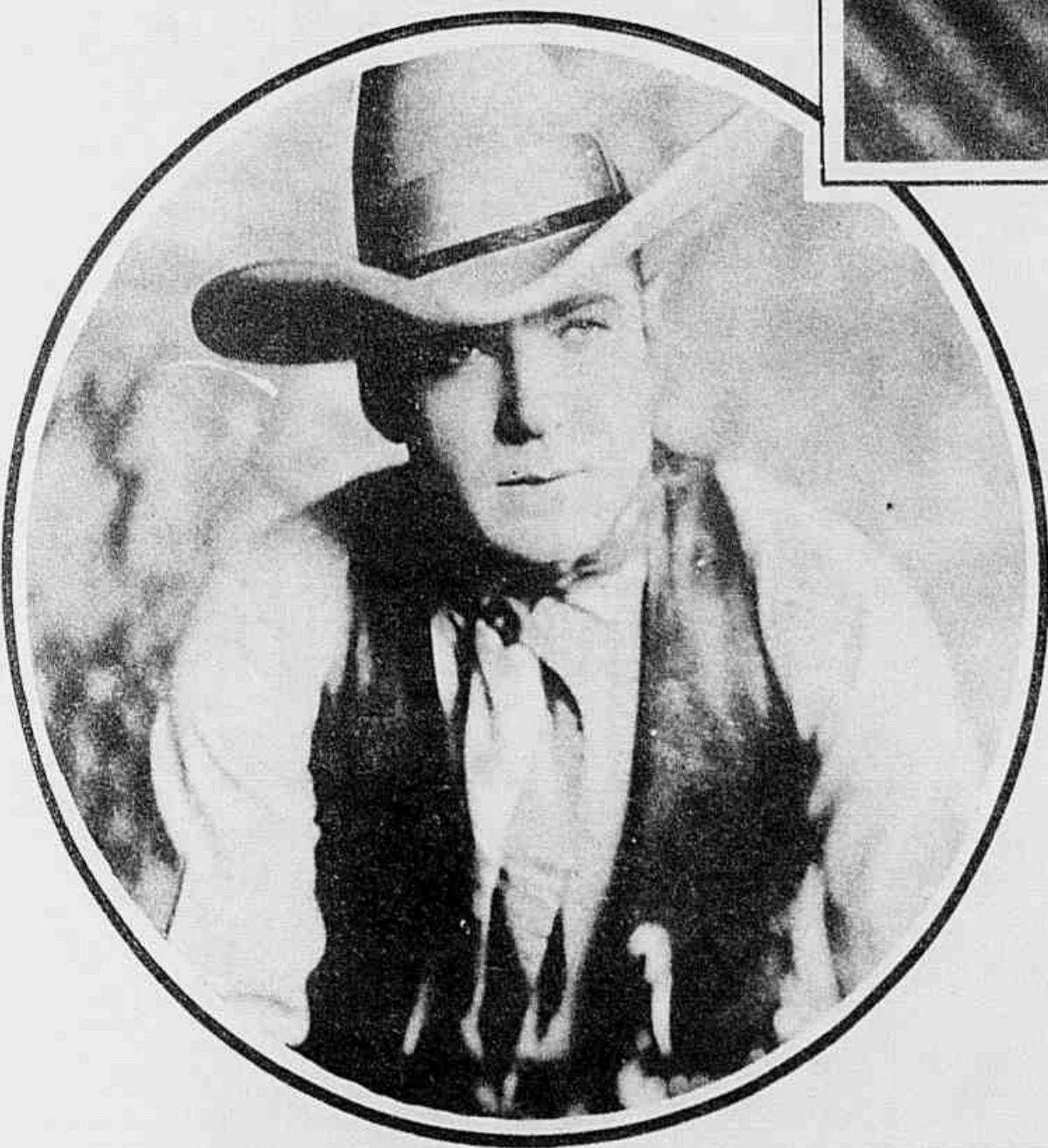
Cotação: 5 pontos. — P. V.

GLORIA

PODER DO SILENCIO — (The Power of Silence) — Tiffany-Stahl — Producção de 1929 — (Prog. Serrador).

Mais uma historia de tribunal, com advogados de defesa que são como heroes, sem macula e promotores peores do que o villão de qualquer film em series. Testemunhas á granel, movimento, barulho, jurados impassiveis, policiaes mysteriosos e uma sala pequena como um palco. O film começa bem. Mas eis que surge o caso juridico e entra pelo tribunal a dentro. Tudo muito visto. E além disso como no Theatro. Depois ha uma situação bonita e humana mas prejudicada pelo aspecto theatral que lhe deram o director e o scenarista. Longos e numerosos "close-ups". Dezenas de letreiros. Tal qual como si tivessem posto a "camera" na frente de um palco. E' um film que nada tem de Cinema. A não ser Belle Bennett e o resto do elenco...

Cotação: 4 pontos. — P. V.

MAL DE CORAÇÃO — (Heart Trouble) —

BUCK JONES NO "GRANDE SALTO" TEM UM TRABALHO SUPERIOR A ALGUNS FILMS SEUS NA FOX...

First National — Producção de 1928 — (Prog. M. G. M.).

Os films de Harry Langdon resentem-se sempre do elemento historia. Pode dizer-se mesmo que elle não faz questão de enredo. Contenta-se apenas em metter-se numa serie de situações fracas e isentas de "gags" irresistiveis. Póde ser que ninguem dê valor aos seus films; mas eu gosto delles e principalmente do heroe que os anima. Harry na téla, é uma individualidade original. O seu typo é raro de encontrar-se; mas é extraordinariamente humano. E elle o faz á perfeição. A sua cara de boneco, a sua ingenuidade quasi infantil e os seus gestos caracteristicos têm qualquer cousa de bom. Doris Dawson é a sua heroina.

Eu gosto de Harry Langdon. E vocês?

Cotação: 5 pontos. — P. V.

BORBOLETAS NEGRAS — (Black Butterflies) — Quality — Producção de 1929 — (Prog. Serrador).

E o mais engraçado é que os proprios importadores de pinoias como esta são os primeiros a repudiar a producção brasileira indiscutivelmente superior. A gente custa a acreditar que um film assim tenha sahido de Hollywood. E' simplesmente detestavel. E supimamente ridiculo por pretencioso em thema e em direcção. Tenta focalisar a vida da mocidade louca; mas fica só na tentativa. Pessimamente dirigido, miseravelmente scenarisado, só causa hilaridade. Ha scenas tão imbecis que mais parecem "gags". Imaginem vocês que a feiosa Jobyna Ralston faz uma melindrosa. Robert Frazer, Ray Hallor, Robert Ober, Lila Lee, Charles King e Mae Bush, todos detestaveis.

Sae azar.

Cotação: 1 ponto. — P. V.

OH! LA'LA'! (Oh Kay) — First National — Producção de 1928 — (Prog. M. G. M.).

Colleen Moore é possuidora de uma personalidade tão interessante e dona de um tão accentuado sentido do burlesco que os seus films agradam sempre, quando mais não seja pela sua presença. Este, por exemplo, é fraco. Bem fraco, mesmo. E' uma combinação quasi precipitada de vaudeville e comedia dramatica. Mervyn Le Roy nada aproveitou. Limitou-se a movimentar o elenco dentro dos "sets". O scenario é tambem muito fraco. Ha muitas scenas de comicidade exaggerada, á maneira das comedias allemães. E uma porção de outros defeitos.

Felizmente, porém, Colleen toma parte e salva tudo, até mesmo o enredo absurdo. E nesta tarefa ella é efficazmente coadjuvada por Ford Sterling, Claude Gillingwater e Alan Hale. Lawrence Grey é o galã.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

THELMA TODD SUPPRE TODAS AS FALHAS DE " NOS DOMINIOS DE SATAN".

DIVINA

(THE DIVINE LADY)

Lady Hamilton	Corinne Griffith
Lord Nelson	Victor Varconi
Lord Hamilton	H. B. Warner
Charles Greville	Ian Keith
Senhora Cadogan	Maria Dressler

Quando a diligencia de Londres parou á porta do seu palacio, Charles Greville correu á janella ansioso por saber se ella lhe trouxera alguma visita, como não raro acontecia. Mas, contrafeito, reparou que do pesado carro saltavam a velha Cadogan e sua filha Emma, recommendadas do seu tio Lord Hamilton. Vendo a leviana pequena namorar o cocheiro da diligencia teve della tão má impressão que resolveu não recebel-as. Mas as supplicas de Emma foram tão commovidas que elle cedeu, sem deixar de notar, desde logo, que aquella creaturinha sem educação e cultura tinha nos olhos o clarão de uma grande intelligencia e no rosto os traços da maior belleza. E de tal modo Charles Greville se impressionou por Emma que, desrespeitando todos preconceitos sociaes, naquella epoca rigorosos, começou a namoral-a. Cada dia que passava mais encantos descobria na sua pequena creada, a ella, mais e mais se prendendo. Observando-a, nessa convivencia diaria em que ella lhe proporcionava deliciosos instantes, Greville se convenceu que Emma, embora sem illustração, revelava naturaes e indisfarçaveis pendores para a musica e o canto, tantas as subtilezas do seu espirito e as doçuras da sua voz.

E Greville acabaria se apaixonando loucamente por Emma se não fosse a grande supremacia que o cerebro, nelle, sempre exerceu sobre o coração. Emma mais do que ao seu coração servia aos seus interesses e, por isso, renunciando a todos os anseios de possuil-a, tratou de convencer o tio, Lord Hamilton, a leval-a para a côrte de Napoles, para onde ia como embaixador da Inglaterra, convencido de que entregue a bons professores Emma ficaria sendo uma divina dama. Mas com isso Greville visava tão somente evitar que o tio se casasse com alguma dama ga-

DAMA

FILM DA FIRST NATIONAL

Rainha de Napoles . . . . . . Dorothy Cummings
George Ronney . . . . William Conklin
Capitão Hardy . . . . Montagu Love
Duqueza de Argelia . . . . Julia Swayne Gordon
Rei Ferdinando . . . . Michael Vavitch

nanciosa que, fatalmente, o desherdaria. Convencer Emma que devia seguir para Napoles foi tarefa difficil. Em vão Greville fez-lhe promessas. Emma, que o amava com toda a força do primeiro amor e lhe era grata por tudo que elle me fizera, só concordou em partir depois de Greville prometter-lhe que no proximo Outomno iria vel-a. Os primeiros mezes da vida de Emma em Napoles, em meio ás saudades que a torturavam, foram de continuas surprezas porque entregue aos cuidados de professores notaveis encontrava em cada lição uma distracção deliciosa. Mas chegado o Outomno e com elle não Greville, mas uma carta desconsoladora e cruel, Emma teve a sua mais amarga e forte desillusão. E comprehendeu, então, que o primeiro homem que amara trahira-a miseravelmente, preparando

aquella farça para entregal-a ao tio. Revoltou-ao ouvir os protestos de amor de Lord Hamilton, repellindo-o e entregando-se nos braços do maior desespero.

Lord Hamilton, vendo-a no transe allucinante propoz-lhe casamento, deixando-a com o direito de não o amar; mas permittindo-lhe a graça de o deixar amal-a...

Correm os annos e Lady Hamilton, formosa na côrte de Napoles, pela sua nobre educação e pela sua aprimorada cultura, fazia convergir sobre a sua individualidade todas as attenções e homenagens, a tudo indifferente, entretanto,vivendo para o esposo a quem respeitava cegamente. Aconteceu que uma tarde, Lord Hamilton, sentindo-se fatigado e não podendo attender a um joven official inglez chegado da terra natal — pediu a esposa que o recebesse. O official, avisado de que o embaixador não o podia receber naquelle instante, recusou-se a

(Termina no fim do numero).

NORMA SHEARER CONFIOU NO SEU DESTINO

(FIM)

"Quando chegou a hora da selecção dos typos, e que estava quasi para terminar, estava vendo que ficariamos sem trabalho, não tivesse eu usado de tactica. Então eu tossi. Tossi mais forte ainda afim de despertar attenção do homemsinho que se obstinava a não olhar para meu lado".

"Quando elle olhou em minha direcção — "That was all".

"Eu fôra escolhida, porém minha irmã não. Depois que todos se retiraram, pedi a elle se não havia possibilidade augmentar o numero, de doze para treze."

"Infallivelmente eu estava de sorte naquelle dia. Fui attendida, e assim trabalhamos tres dias, e minha carreira então começou, já podiamos dizer que eramos extras com experiencia, de formas que conseguiamos trabalhos mais facilmente."

"Nesse meio tempo minha irmã casou-se, e eu fiquei sosinha persistindo."

"De extra, passei a pequenas pontas, e de pequenas pontas a pequenos papeis. Estes foram crescendo em partes, até que recebi um convite de um studio para vir á Hollywood."

"E aqui estou".

Norma não poude ir mais longe! A pessoa que tivera a gentileza de levar-me a sua casa, acabara a entrevista com seu marido, que é o director de producção da M. G. M. Irving Thalberg, e trazia aquelle semblante de quem quer dar o fóra...

Assim eu disse-lhe adeus.

Divina Dama

(FIM)

falar com a embaixatriz, dizendo ao creado que o assumpto que o levara ali era urgente e de caracter confidencial, estando disposto a esperal-o pacientemente. Lady Hamilton, indifferente a teimosia do patricio, começou a tocar harpa, que tão bem ella sabia tanger, cantando uma velha canção que a acompanhava desde a infancia. Attrahido pelas harmonias daquella voz e pelas doçuras daquella musica o official encaminhou-se para a sala onde partiam os sons pertubadores. E ante a visão deslumbradora de Lady Hamilton, cumprimentou-a pedindo-lhe perdão pela irreverencia. O official acabou dizendo o que o levara ali; partindo horas depois e levando da embaixatriz a mais absorvente e profunda impressão...

* * *

Na vertigem da vida, os annos correndo, sempre e sempre, proporcionando emoções tão desencontradas, Lady Hamilton nunca se esquecera daquelle official de physionomia intelligente cujo olhar magnetico lhe penetrara até o recondito da alma. Lá do exilio da representação diplomatica do marido, acompanhara, com carinho sua carreira triumphante, se enchendo de satisfação ao pensar que elle pela sua bravura, de modesto capitão Nelson se fizera o Almirante Nelson, o maior marinheiro da Inglaterra, gloria não de um povo, mas de toda uma geração de heróes. E precisamente por isso, agora que a França, na ansia de se tornar senhora do mundo pelos desejos loucos do seu invencivel imperador, Napoleão Bonaparte, declarara guerra á Inglaterra, temia pelo destino do heróe dos seus anseios insatisfeitos. E no delicado transe em que do alto tino diplomatico de Lord Hamilton dependia a decisão do Rei de Napoles, a embaixatriz nunca deixou de pensar no homem que vira uma só vez mas que povoava, sempre e sempre, os seus sonhos. E, indeciso, o Rei de Napoles, se mostra mais propenso a se alliar á França do que á Inglaterra, com medo das tropas de Napoleão, quando de surpresa a esquadra de Nelson apparece. O bravo almirante, que sahira indomito de todas as batalhas estava, entretanto, sendo vencido lentamente pelos mais crueis inimigos: a fome e a séde. Seus homens, acabados os mantimentos, já morriam de fome. E nessa situação afflictiva, mesmo sabendo que o reinado de Napoles se declarara neutro — fôra bater-lhe á porta, não invocando o nome de sua patria, mas invocando a de todos os homens: a humanidade. O bravo marinheiro queria apenas que o Rei lhe permittisse abastecer a esquadra. O rei, amedrontado com as successivas victorias do Imperador da França negou-se a attendel-o. Lady Hamilton que a noticia da chegada de Lord Nelson se alvoroçara, ao revel-o, soffreu um rude golpe porque não tinha mais aos olhos aquelle official elegante e irreverente de ha tantos annos atraz. Via agora no heróe, o mutilado, e cada imperfeição que lhe foi descobrindo mais serviu para admiral-o! Achou-o até mais bello, assim, sem um braço, um olho vasado, o rosto cheio de cicatrizes... A um e um, entretanto, todos os pedidos diplomaticos do embaixador inglez fracassaram. O Rei de Napoles, no seu pavor pela França estava irreductivel. Foi quando Lady Hamilton, o pensamento voltado para a patria e o coração para o homem que lhe inspirava tão sublime amôr, pôz em jogo todos os recursos da sua astucia de mulher. Em vão supplicou a clemencia do Rei, e, sem desanimo, appellou para a generosidade da Rainha. De tal modo a embaixatriz defendeu a causa dos bravos marinheiros inglezes, tão vehemente foi a eloquencia dos seus argumentos e tão humana a sinceridade das suas lagrimas que a Rainha, fragil coração de mulher, deixou-se vencer... E assignada a ordem dando permissão á esquadra de Nelson de abastecer-se nos portos de Sicilia, Lady Hamilton correu á invicta fragata Victoria prestes a partir. Recebida pelo capitão Hardy, a embaixatriz foi levada até ao camarote de Nelson, ahi lhe entregando o regio documento que era — como Nelson lhe disse — a salvação da Inglaterra e a rehabilitação da sua propria honra de marinheiro. Ajoelhando-se para beijar-lhe os dedos, agradecido, Nelson sente as mãos de Lady Hamilton lhe cahirem sobre os cabellos. Esse gesto descuidado lhe valeu, ao espirito, por uma confissão. E, num impeto, aperta-lhe o peito quasi a beijando quando ella o repelle delicadamente, partindo, os olhos molhados, deixando o invencivel marinheiro vencido tão facilmente pelo seu amôr...

* * *

A ordem conseguida pela embaixatriz Hamilton foi, mesmo como o almirante Nelson disse, a salvação da Inglaterra, porque mal a sua frota, abastecida e retemperados os seus homens, se fez ao largo, lhe surgiu pela frente, no seu poderio formidavel, uma divisão da França. As duas esquadras se chocaram violentamente. Travaram luta renhida e accessa, luta igual e terrivel porque os contendores tinham o mesmo ardor e a mesma vontade de vencer. Mas essa scentelha divina que o immortalisou, deu a Nelson a inspiração sobrehumana que o levou a decidir da sorte da batalha! E á pericia de uma manobra, a Inglaterra triumphava pela intelligencia e pelo punho de ferro do seu glorioso filho...

* * *

Na Côrte de Napoles reinava a maior inquietação e em meio dos maiores sobresaltos o Rei continuava indeciso. O embaixador da França não cansava de propor-lhe uma alliança decisiva, mas o Rei de Napoles temia tambem o prestigio da Inglaterra. E a côrte de Napoles atravessava esses momentos de incerteza quando chegou a nova de que a esquadra do almirante Nelson derrotara fragorosamente a franceza, emquanto as forças de Napoleão lá no Egypto soffriam duros revezes. Ao Rei de Napoles foi facil comprehender que o poder de Napoleão chegára ao seu occaso. E, sem mais vacillar assignou alliança com a Inglaterra! Nelson, as feridas da luta, ainda abertas no peito, logo que pisou em terra correu ao encontro de Lady Hamilton, tornando a se lhe ajoelhar aos pés, proclamando-a salvadora da Inglaterra! Londres, entretanto reclamando a presença do seu heróe, se preparava para recebel-o festivamente, emquanto Nelson, na sua louca paixão, tudo daria para não mais se afastar de perto da mulher que lhe dera provas, fortes e vehementes de uma grande dedicação. Tornados amantes á força vertiginosa do destino que os impellira, irresistivelmente, um para os braços do outro, só se sentiam felizes quando juntos e, tanto assim que juntos, mais Lord Hamilton regressaram a Londres, que consagrou o heróe com a maior manifestação popular daquelles tempos.

* * *

As relações amorosas de lord Nelson e Lady Hamilton, em pouco, eram o motivo predilecto de todos os commentarios nas rodas mais humildes e nas mais elevadas.

Até aos ouvidos de suas majestades, os Reis da Inglaterra, chegou...

E a maior prova disso foi excluirem o nome de Lady Hamilton da recepção real offerecida a Lord Nelson para a qual, como supremo acinte, o proprio Lord Hamilton fôra convidado. Em meio á festa quando Nelson ouviu o mordomo do Palacio annunciar o nome de Lord Hamilton sem annunciar o da embaixatriz, atordoado, trahindo-se aos olhares da propria esposa e de outras pessoas, correu ao encontro do embaixador, indagando-lhe porque não trouxera a esposa. Lord Hamilton, que bem sabia da paixão que os unia, lhe disse que Lady Hamilton não era digna de ser recebida por suas majestades!... Revoltado, Nelson esquece as apparencias e abandonando a esposa, desprezando a sociedade e as homenagens de que é alvo, numa suprema renuncia, corre a reconfortar a mulher que salvara a Patria, que o salvara e que era, de maneira tão rude, injustiçada. E, entregue ao amor que desde ha tempo os enlaçava, Nelson e Emma, tudo abandonando, foram esconder num recanto da provincia, todo o seu amôr feliz...

* * *

Esquecidos do mundo, Nelson e Emma julgavam que nenhuma força humana os separaria mais quando, certa manhã o capitão Hardy apparece. Nelson conversava com o seu jardineiro, á distancia e Hardy com muitos cuidados avisou Emma que o que o que levava ali era o perigo em que as circumstancias, de novo, collocaram a patria. Por isso Nelson tem de partir! Emma repelle-o. Pede-lhe para ir e deixal-a com o seu amôr... Hardy insiste e como argumento definitivo diz-lhe que mais tarde Nelson viria a odial-a sabendo da sua opposição ao seu desejo de defender a Patria. Emma, que pela Inglaterra seria tambem capaz de dar a propria vida, resignou-se. E beijava, commovidamente, a espada de Nelson quando elle, voltando já pelo braço de Hardy, que fôra chamal-o, assistiu a essa scena commovente. A separação foi emocionante. Mas era preciso partir e elle foi, assumiu o commando da esquadra, partiu mares em fóra e Emma ficou, no abandono daquelle isolamento, com o consolo das proprias lagrimas. Trava-se a batalha de Trafalgar — a que decidia a supremacia nos mares. A esquadra de Nelson aborda a da França e a victoria começa a sorrir para a Inglaterra quando Nelson, recebido um tiro em pleno peito, tomba nos braços de Hardy, o seu velho amigo. A sua agonia é lenta. Sabe que vae morrer, mas não quer morrer sem saber quem triumphará! Hardy surge com a nova feliz: a Inglaterra vencera! Nelson sorri. O peito arfando, elle volta os seus ultimos pensamentos para a mulher que lhe dera os poucos momentos de felicidade que gozou na terra; para a mulher que mais que a sua propria patria o soube comprehender e amar.

E, sorrindo, morre feliz...

BARROS VIDAL

O amôr e o demonio

(FIM)

vanna, acceitou a proposta de Lord Dryan e com elle partiu entre as lamentações e o prazer dos velhos amigos entre os quaes Barotti, que lhe reaffirmou não esquecel-a nunca!...

* * *

Longe do sol quente de Napoles, saudosa do poema dos seus canaes e da doce visão das suas gondolas, Giovanna sentia, no fundo do coração uma immensa tortura. Mas como o amor que votava a Lord Dryan era bem maior que a tortura, abafava-a, a alma soffrendo e os olhos molhados. E uma noite de tempestade e de nevoeiro, quando as trevas mais densas envolviam a cidade e o frio mais forte regelava os ossos, o pensamento voltado para o longinquo sol de Veneza, Giovanna, numa explosão de saudade e de revolta pediu ao marido regressassem á terra querida! Lord Dryan, trabalhado pelos ciumes que sempre Barotti lhe despertara, volveu todos os pensamentos para elle, justificando aos seus sentidos exaltados o desejo da esposa voltar á Veneza! E depois de melindral-a com perguntas crueis, ante a convicção e a firmeza com que ella lhe confessou não mais resistir as saudades de Veneza, Lord Dryan, deixou-se vencer, promettendo satisfazer-lhe o capricho...

* * *

Em Veneza a primeira cara que appareceu ao casal Dryan foi a de Barotti. E Barotti desde que chegaram, não mais deixou de procural-os! Uma noite, depois do espectaculo, Barotti, encontrando-os á porta do theatro, acompanhou-os na gondola que os conduziu á residencia, dizendo-lhe galanteios e protestos de amôr, indifferente á irritação que Lord Dryan mal escondia no rosto. Em seu palacio Lord Dryan, com a fleugma que caracteriza os inglezes poz-se a mostrar lhe suas armas, mandando o creado buscar no seu quarto a mais poderosa espingarda da linda collecção de que tanto se orgulhava possuir. E com a terrivel arma na mão, gracejando, apontou-a a Barotti que, apavorado, pediu-lhe não brincasse assim... Dahi ha momentos Barotti manifestava desejos de retirar-se. Lord Dryan acompanhou-o e, inalteravel, glacial, abriu-lhe a porta da rua, dizendo-lhe, então, que o prohibia de tornar á sua casa, por julgal-o um indigno. Cheio de odio, Barotti tomou a gondola que o esperava. E não desistindo dos seus propositos de conquistar Giovanna, conseguiu subornar-lhe a creada e penetrar-lhe nos aposentos.

Giovanna, recolhendo-se para dormir e vendo-o ali, estonteada, vencidos os primeiros momentos de surpreza exigiu-lhe, com energia, se retirasse. E com elle lutava, resistindo as tentativas que Barotti fazia para beijal-a quando Lord Dryan, indo guardar a espingarda predilecta, passou pela porta dos seus aposentos.

Ouvindo uma voz de homem que de lá partia, Lord Dryan empurrou á porta. E ante Barotti e Giovanna que lhe deram a impressão de estar abraçados, o nobre inglez carregou a arma e fez um disparo contra aquelle que, galgando a janella, foi mergulhar nas aguas tranquillas do canal, aos olhos do barqueiro que o esperava pacientemente. Lord Dryan, surdo ás explicações e ás supplicas da esposa, insultou-a, exigindo dalli sahisse immediatamente pois não mais a queria ver. E Giovanna, assim mesmo como estava sahiu, rua em fóra, a alma invadida do maior desespero...

* * *

A coincidencia do desapparecimento de Giovanna com o corpo que o barqueiro viu cahir no canal e o estampido que attrahiu a curiosidade do policial rondante levou Lord Dryan ao carcere. E ahi, encerrado no maior silencio, preferindo perder a liberdade e a vida a se defender ultrajando o nome e a honra da mulher, se conservou emquanto Giovanna, salva por uma pobre mulher quando procurava suicidar-se, foi levada para a sua mansarda ahi ficára, alheia ao mundo, numa grande prostração! Ao tempo que o advogado de Lord Dryan lutando contra o seu inexplicavel mutismo e contra a eloquencia do promotor prendia a attenção do Tribunal, a mulher que salvara Giovanna era assassinada pelo proprio amante e jogada ao canal com as vestes daquella, crime que o bandido commetteu para se apoderar das suas joias sem o risco da companheira, que desejava denuncial-o, fazel-o.

* * *

O julgamento ia attingindo a sua ultima phase e Lord Dryan, convencido de que matara Barotti, jurava intimamente que não atirara contra a esposa quando os investigadores chegaram com as vestes da mulher encontrada no canal! Era a ultima prova colhida! E ante a estupefacção de Dryan que assistia ao julgamento, revoltado, appareceu como testemunha de sua defesa, o proprio Barotti arrolado como sua hontemunha! E ouviu-o em afflicção que se não descreve, dar a entender que tinha sido amante de Giovanna. E só por isso o Tribunal, reconhecendo, que Lord Dryan agira em defeza da sua honra offendida, absolveu-o... Em liberdade, o primeiro pensamento de Dryan foi matar Barotti, pela infamia do seu procedimento. E, o cerebro trabalhado pelas idéas mais desencontradas, entregou-se á mais profunda meditação. Emquanto isso Giovanna, recuperando o controle dos sentidos surprehendendo-se no quarto immundo em que a tinham deixado veste as roupas que encontrou e, attonita, apanha um jornal que o assassino lhe deixara perto, nelle lendo a noticia do julgamento do marido, accusado de tel-a assassinado!...

Giovanna corre ao Tribunal, ahi chegando quando os ultimos guardas o abandonavam sabendo de um delles que Barotti havia declarado ter sido amante de Giovanna. Esta traçou o plano da sua vingança e armando-se de um revolver partiu para a casa de Barotti, nella entrando no momento em que este apavorado ante Dryan que, o olhar em furia, o interrogava, lhe respondia pergunta por pergunta. E traiçoeiramente Barotti ia desfechando um tiro contra o Lord Dryan quando Giovanna puxou o gatilho da arma que empunhava, matando-o. Lord Dryan correu ao seu encontro, surpreso e humilhado, pedindo-lhe perdão por tel-a julgado mal e levando-a para uma nova lua de mel...

BARROS VIDAL

Cinema de Amadores

(FIM)

deante do microphone da Parlaphon (Optica Ingleza) um trecho typico, emquanto uma camara Cine-Kodak filmava o cantor. Procurou-se dar ao disco e ao film a mesma velocidade. Só um pequeno erro impediu a realização perfeita dessa primeira producção falada brasileira. O insuccesso vae servir para novas e proximas tentativas. O certo é que vamos "ver" dentro em breve, no Cine-Fone, films dos mais conhecidos artistas da Paramount. E por que não aquella esplendida orchestra da casa?

E' ou não é um progresso?

Já temos o CINEMA FALADO BRASILEIRO. Pelo menos, o de amadores...

CORRESPONDENCIA

ETRAENIC (Pelotas) — 1) — A camara a manivella, 280$; a motocamera, 580$. 2) O film virgem, 5$800. 3) Estamos aqui para servil-o. 4) Transmittirei os abraços.

FREDERICO SELIGER (São Paulo) — A sua carta está muito interessante. Gostei de saber que está filmando, não desanime. O que me pede, a respeito dos amadores é difficil, mas tive uma idéa; leia o aviso de hoje. Vou publicar o photo que me mandou.

Agradecido por seu proximo artigo no "CINEARTE".

NOTICIARIO DO PROGRAMMA URANIA

(FIM)

(Conclusão do numero passado)

successos indiscutiveis dos films americanos da grande classe. Aprendemos a escolher os assumptos susceptiveis de serem filmados, não estes que não podem attrahir senão numa camada social limitada pelo numero, mas tambem os capazes de despertar o mesmo interesse, tão bem da parte das simples lavadeiras como daquella do representante da sciencia ou da arte, do banqueiro, do engenheiro, ou de todo intellectual das profissões liberaes. E por isso que me parece que a industria do film para o anno de 1929 não tem tanto por missão de cuidar do film propriamente artistico mas, de elevar o nivel artistico do film destinado a distrahir. Neste dominio, a imprensa pode ajudar-nos a realisar progressos. A critica não deve cessar de ser penetrada de facto que a industria dofilm é um megocio commercial que, assim como muitos theatros, não vive essencialmente de subvenções, mas que deve bastar ás suas proprias necessidades e que deve procurar-se, pela collocação dos seus productos, os meios necessarios para fabricar novos e melhores films.

O critico deve estar em estado, não somente de examinar e apreciar de modo abstracto, mas deve tambem estar ao corrente da producção do film. Elle deve ser capaz egualmente de poder desculpar, num momento dado. Longe de mim a idéa de pedir ao critico não prodigalisar senão louvor. Pelo contrario, é difficil imaginar-se uma elevação de nivel do film sem uma critica séria.

Mas a critica não deve ficar estranha ás coisas do film até o ponto de esquecer que afinal de contas, um film deve ficar um film.

Para terminar, ainda uma consideração que, certamente, não é de valor minimo: o film é um artigo de exportação. A industria allemã do film não pode viver exclusivamente das salas de cinemas allemães. Ella deve poder exportar para ficar em estado de produzir. Isto implica de novo a necessidade, para producção allemã de films, de se capacitar da mentalidade das outras nações, sem comtudo cahir numa imitação cega. Antes porém, é preciso escolher themas de films que, ao guardarem o caracter distincto allemão, não fiquem estranhas aos outros povos. Não são, com effeito, algumas representações da "Film Arts Guild" ou outras comparações do mesmo genero, ficando dignas de elogios e de grande utilidade — que podem fornecer aos directores de scena o dinheiro tão imperiosamente indispensavel ás suas producções, mas tambem ás massas de espectadores das grandes e pequenas salas das provincias e das cidades da America, da França, da Inglaterra, da Italia e de outros paizes civilizados.

* * *

George Marion, um dos mais notaveis e antigos escriptores de letreiros de Hollywood tornou-se autor. Elle acaba de vender um original todo dialogado para a Paramount. Chama-se "Sis Boom Barbara!" e consta que será dirigido por Frank Tuttle com Nancy Carroll, Jack Oakie e Phillips Holmes nos tres principaes papeis.

Raymond Cannon vae dirigir "Cradle Snatekers", para a Fox com Walter Cartlett, Richard Keene, Joe Wagstaff e Charles Eaton. Quem são estes cavalheiros? O que vale é que nós já temos Carlos Modesto, Luiz Sorôa e Nancy Bueno...

O segundo film de Ken Maynard para a Universal, "Dark Horse", está em processo de filmagem. Nora Lane é a pequena.

O desfiladeiro do acaso

(FIM)

rigo, capaz de fazer frente, sosinho, a qualquer situação. Rock, que lhe admirou a coragem, implicitamente o elogia quando lhe diz:

— Desculpe que interviesse á guiza de protector! O snr. é um homem valente e por certo não precisa que o protejam:

— Tenho por norma nunca me arrecear de nenhum perigo—volve o oltro—especialmente depois que uma cartomante na Inglaterra me disse que eu attingiria aos noventa annos. E tenho tanta certeza de que ella falou a verdade como de que me chamo Ashleigh Preston!...

— Ashleigh Preston? — atalha Jack. Que coincidencia: Peeples noutro dia falou-me a seu respeito, e eu vim aqui justamente para lhe falar.

— Ah, sim, Peeples, um bom camarada: Foi caipóra, coitado, e acabou dando com os ossos na cadeia:

Após esse primeiro encontro, Rock tornase intimo de Preston, cujos movimentos não cessa de espiar,mas por mais que faça, nada descobre que possa confirmar as informações de Peeples.

Dias depois, num armazem da localidade, Jack tem uma aventura de outro genero quando, á espera que o dono da casa lhe traga um troco, se vê em frente de uma linda rapariga que ali foi fazer algumas compras. A moça é de rara formosura, e Jack que tem um fraco pelas mulheres bonitas, resolve fazer-se passar por empregado do armazenista, como pretexto para conversar com ella. Caixeiro improvisado, elle attende como melhor pode á moça, dando-lhe tudo por preços nunca vistos e acabando até por lhe vender um gatinho da casa, com que ella sympathisou. Alegre como um rapazola, por esses poucos minutos de trato com tão linda moça, elle é surprehendido pelo regresso do dono da casa, a quem deixa o troco devido, em pagamento de todos os prejuizos e avarias que os seus officiosos serviços originaram ao pobre homem.

Visitando, dias passados, a herdade de Ash Preston, elle ali vae encontrar a sua "fregueza" da vespera e vem a saber que ella é irmã do colono. A vigilancia que elle exerce sobre Preston não o demove entretanto de galantear a moça que ainda mais se sente presa de sympathia a Jack, quando certa noite elle a auxilia a trazer para casa o irmão que se excedera em libações, de parceria com um peão da fazenda. A partir desse dia, Leatrice Preston e Jack vivem na mais esreia intimidade, dando curso livre á sympathia que todos estes incidentes geraram entre os dois.

As suspeitas do Jack avivam-se porem quando, numa das noites seguintes, um "cowboy" de extranho aspecto se approxima das janellas de Preston e entra em longa confabulação com elle. Pela madrugada seguinte, Rock vae no encalço de Preston e, por uns e outros indicios, acaba de convencer-se que elle é de facto o chefe dos ladrões de gado.

Effectivamente, a quadrilha está então empenhada num dos seus golpes audaciosos habituaes. A victima será Williams, um criador que vae descer á cidade com um valioso rebanho, do qual Preston e os seus cumplices se apoderarão, tão depressa sejam sabedores do caminho que hão de seguir os animaes, em seu trajecto através o deserto. Ash, de posse finalmente dessa informação, traça o plano de acção aos homens sob seu commando: Elles incendiarão os pastos do Valle da Morte, por onde o gado de Williams pretende fazer caminho, e assim, terá o criador que encaminhar os seus animaes pelo Desfiladeiro do Acaso, onde mais conhecedores do terreno e tudo havendo preparado de antemão, os malfeitores sem difficuldade realizarão o seu intento.

As ordens de Preston são rigorosamente seguidas, mas o incendio vem a surprehender Leatrice que, tudo ignorando, foi passar algumas horas da tarde num dos logares mais pittorescos do Valle da Morte. Jack Rock, que avista o incendio, chega ao local onde se acha a linda moça quando as chammas, devorando os pastos altos reseccados pelo sol, já a envolvem por todos os lados. Pelejando galhardamente contra o fogo e affrontando repetidamente o risco da morte, Jack consegue chegar junto de Leatrice que volta a si e manifesta a sua gratidão ao rapaz — no decurso da longa viagem que os separa da fazenda, os dois jovens, trocam entre beijos as suas confidencias de amor.

De regresso a casa, Preston agradece a dedicação de Jack, a quem nem as palavras captivantes do mancebo, nem o amor de Leatrice fizeram, entretanto, esquecer o seu dever.

— Jack, o que acabas de fazer por minha irmã mais reforçará a nossa amizade: — diz Preston.

— E' justamente essa amizade que agora vou pôr á prova: — torna Jack, descobrindo o seu distinctivo policial. — Ash, descobri hoje que tu és um ladrão de gado!

— Quer isso dizer que foi só para me espiares que te introduziste aqui, que te fizeste meu amigo!...

— Bem longe disso! Quer dizer que estou resolvido a fazer de conta que nada sei se me prometteres renunciar ao que até hoje tens feito!

— E de que me serve prometter sem a certeza de poder cumprir? Não é o fructo do roubo que me tenta, Jack! tenta-me, porém, a aventura, o perigo, a sensação e acabo por ceder a uma força que parece superior a mim!

— Reflecte que, por ti, sacrifico o meu dever! Da proxima vez, porém, serei obrigado a prender-te!

— Se jamais sobrevier essa proxima vez, Jack, prepara-te para o que possa acontecer, pois jamais deixarei que Leatrice me veja ser arrastado á prisão como um criminoso vulgar!

Nas horas que se seguiram, empenhou-se Preston num rude combate com a sua propria natureza mas acabou succumbindo á sua ansia de luta e de aventura. A' frente dos seus homens, foi a caminho do Desfiladeiro do Acaso, e ali, conforme as suas instrucções, foram Williams e a sua gente atacados. No mais acceso da luta encontraram-se frente a frente Ash e Rock. Tres vezes o irmão de Leatrice fez fogo sobre o policial e o feriu por fim, mas Jack, de um só tiro o atirou ao chão, mortalmente attingido em pleno peito. Reunindo o que lhe restava de forças, Jack reconduziu á fazenda Ash Preston na esperança de lhe salvar a vida, mas nos seus braços veiu a expirar o aventureiro, depois que lhe prometteu Jack nunca revelar a Leatrice a verdade sobre o seu passado.

O epilogo deste drama occorreu dias depois, quando Rock renunciando ao seu logar na policia do Estado, deu o seu nome a Leatrice e a levou comsigo para a sua fazenda do Texas. Ali, cheios de fé no futuro, abroquelados no seu amor superior a tudo, esperavam os dois poder recomeçar a vida e acabar esquecendo o drama sinistro que tão crueis horas os fizera viver nas desoladas regiões do Valle da Morte e do Desfiladeiro do Acaso.

ÁS DUAS HORAS DA MADRUGADA

(Conclusão do numero passado)

(FIM)

policia, é esconder o corpo. Vou já ajudal-a. Nesta occasião, porém, entrou Paulo acompanhado de um amigo que elle convidara para passar alguns dias na casa que sua mulher herdara. Nancy, ás pressas, escondeu o defunto debaixo de um sofá.

Durante o jantar, Mary com visiveis signaes de inquietação, nada poude comer, e o marido julgou que ella estivesse doente, mas o amigo delle impressionou-se tanto com os modos mysteriosos de Nancy, que resolveu immediatamente ir morar num hotel.

A hora de dormir, Nancy chamou Mary, e segredou-lhe ao ouvido:

— Não diga nada ao seu marido! Espero-a aqui ás duas da madrugada! Obedeça-me!

A's duas horas da madrugada, Mary obedeceu ás ordens de Nancy, mas a policia chegou nessa occasião, e como era natural, a culpa recahiu sobre Mary, que foi immediatamente presa.

No dia do julgamento, o pae de Mary, como advogado da filha, garantiu aos jurados que ella desmaiára sem disparar o revolver, e que sómente apontara a arma em signal de ameaça, visto que Marc Reed quizero abusar da confiança que ella depositava nelle.

— Abuso de confiança, exclamou o Promotor Publico! Que boa desculpa! Então por que negou ella, logo no principio dos inqueritos, que não vira Marc Reed entrar em sua casa? Por que escondeu ella o cadaver? Por que occultou ella a verdade ao marido até ao ultimo momento? Por que mentiu ella até ser confrontada com as provas do crime? A resposta é simples! O crime foi premeditado!

Só a intelligencia e o talento é que unem os homens pela razão e pelo coração

Todas as provas do crime demonstravam que Mary assassinara Marc Reed mas a verdade limpa e nua acabou triumphando! Como foi que Mary provou sua innocencia? Como foi que convenceu o Juiz? Pela razão ou pelo coração?

E' isto que este empolgante cinedrama, com suas scenas de surprezas e de passes emotivos, nos revela de uma maneira primorosa e attrahente. A vida é assim. Quantas vezes a dôr e a magua não nos esmorecem o sorriso nos labios, para depois nos darem a sugar o mel da felicidade!

GARY COOPER ESTÁ NOIVO

(FIM)

familiares desde a infancia. Gary não desperdiça o seu dinheiro em automoveis, nem em casas em Hollywood ou nos cabarets. Os seus olhos sonhadores parecem divisar alguma coisa para além d'esses ligeiros passa-tempos. Sem duvida dez mil geiras em Montana, fazem parecer insignificante um lote de terreno em Beverly Hills; uma noite de luar e silencio nos campos de Montana tornam ridiculos as reuniões de Hollywood; as patas ligeiras de um poldro no rodeio fazem que uma oito-cylindros pareça uma ambulancia para transportar doentes. E' bem possivel que um pôr de sol de verão por detrás das montanhas rendadas de neve, tirem todo o encanto ás beldades de Hollywood, tornando-as coisas artificiaes; todas ellas, excepto Lupe.

Desde que Gary fez o papel de galã apaixonado de Lupe Velez em "Canção do Lobo", continuou sempre o seu cortejador bem acceito. A pequena mexicana installou-se no coração do big-boy de Montana e d'ali não sahiu mais. Lupe é ardente, apaixonada e vivaz; Gary é um typo calmo, sobrio e forte. Mas são ambos filhos da natureza — creaturas absolutamente naturaes e despidas de pretensão.

E agora que Lupe Velez annunciou o seu noivado com Gary Cooper, temos a mão, não ha duvida, um novo romance...

A popularidade não é tão bôa assím...

(FIM)

tambem outra fugitiva; e Joan Crawford fugiu, faz algum tempo, para uma casinha pequenina de arrabalde, tão longe da cidade quanto possivel e onde poucos intrepidos arriscam a ir sem serem especialmente convidados.

SOBRE "BRAZA DORMIDA"

(F I M)

...rroviaria, que majestosa impõe-se no ... da rua Barão do Rio Branco... E ...s olhos fitaram aquelle edificio que ... mal divisava... E meu pensamento foi longe... viajou... por... mar... terra... ar... e, quando voltei á realidade... pensei... breve... muito breve... eu estarei ali transpondo as suas portas para deixar de uma vez Curityba... e... quem sabe? O que me espera além desta cidade! Terrivel interrogação...

Segui pela rua 15 de Novembro. A principal arteria de Curityba. Os meus pensamentos de ha pouco haviam abandonado a minha imaginação! Pisava muito calmamente o seu asphalto... e ouvia retalhos de conversas... Sobre as "misses"... sobre a Companhia Lyrica... sobre politica... sobre tudo, emfim... menos uma cousa... Cinema... Cinema... Mas será possivel que não se discuta Cinema? Não se fale em Cinema? Não se admire a intelligencia e força de vontade de Humberto Mauro! Os esmerados aperfeiçoamentos de Arthur Rogge! A campanha de *Cinearte!* Nada! Absolutamente! Nem a belleza de deusa de Eva Nil. Nem a sympathia mascula de Modesto. Nem o corpo de Venus de Carmen Violeta. Nem o "it" (mais que "Clarabowesco") de Lelita. Nem a "graça" da nossa Gracia. Nem o irresistivel encanto do sorriso de Nita Ney. Nem a suave sympathia de Maximo Serrano. Nem o porte elegante de Sorôa. Nem a esbelteza de Eva Schnoor. Nada!

O Cinema em Curityba consiste sómente na projecção de films... (para a maioria das pessoas). Não encaram, não procuram vêr a sua parte de maior valor. A sua parte Artistica. Não. E a tristeza invadiu-me por aquella falta de enthusia mo. Por aquella obscuridade no que fala á Cinema. Mas... o meu ideal (que é o ideal de todo o Cineasta) é sublime. E' grande. E' majestoso... Elle vencerá. Elle impolgará multidões. Eu só espero. E depois verei o seu triumpho. Estonteante. Ensurdece-

"CINEARTE"

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

Directores: MARIO BEHRING e A. A. GONZAGA

Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$. — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes, 40.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO. — Rua do Ouvidor, 164. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Norte, 5.402. Escriptorio: Norte, 5.818. Annuncios: Norte, 6.131. Officinas: Villa, 6.247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó nº. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

dor. Maravilhoso. A gloria para a nossa tera. A gloria para os nossos corações de "Fans" e Cineastas. A gloria para muitos brasileiros incredulos. E o Cinema irá revelar-se empolgante. Majestoso. Mostrando o Poder dos brasileiros. Mostrando o quanto podemos fazer com força de vontade, honestidade e perseverança.

E o Cinema mostrará a todos o que somos. O que temos. O que sabemos. Emquanto os meus pensamentos borbulhavam, eu descia a rua 15... não tão lentamente... e seguia pela Avenida Luiz Xavier! O quarteirão dos Cinemas: — O Avenida, o Palacio, o Popular... e parei... Para a primeira quinzena de Junho o Palacio e o Popular

annunciam "Braza Dormida"! O nosso film. A nossa gloria. E parei extasiada. "Braza Dormida"! O esforço de Humberto Mauro. O emblema de quanto é capaz um bom Brasileiro! Trabalhador, honesto e perseverante. "Braza Dormida" vem ahi! Vem mostrar aos espiritos incredulos de que o Cinema no Brasil é um facto. E' uma realidade. Vem mostrar que Cinema é Arte. Que Cinema tem Poder. E que Cinema tem Sciencia.

"Braza Dormida". Sim! Muitas vezes a Arte em uma terra é uma *braza dormida!* Toquem-na e approximem-lhe um inflammavel. Ella reaccenderá com todo o vigor de seu fogo! E a fogueira crescerá, crepitante, ondulante, com

seus aspiraes de fumaça a esvaecerem-se no ar. O Cinema em nossa terra era uma braza dormida. Porém, *Cinearte* tocou-a. Humberto Mauro foi o inflammavel. E a fogueira cresceu. Subiu. E

as suas linguas de fogo bordaram no ar os nossos gloriosos de *Cinearte*-Humberto Mauro- Pedro Comello-Paulo Benedetti.

Cinearte pela sua campanha, Mauro pelo seu espirito esforçado, Comello pelo seu espirito capaz e sincero, Benedetti pela sua perseverança e boa vontade. A todos estes, a fogueira reaccendida de *Braza Dormida* presta a sua homenagem sincera. E mais tarde os seus nomes serão gravados em bronze, depois em ouro... Estes mesmos nomes que serão gravados em pedras preciosas em nossos corações de "Fans" do Cinema Brasileiro.

Braza Dormida! A gloria da nossa terra. A apotheose de um coração sincero, honesto e trabalhador. O emblema do poder de um bom Brasileiro.

E "Braza Dormida" virá a Curityba. Virá convencer os espiritos incredulos. Os espiritos que sorriem ante uma Cineasta como eu. Ante as minhas palavras de fogo ao falar da Arte Setima.

Mas "Braza Dormida" virá. Depois... "Barro Humano"... Depois... Depois... Quantas promessas... Quantos films futuros... Quantos... E Curityba ficará convencida de que o Brasil possue Cinema. Sabe cultival-o. Sabe elevai-o. Sabe aperfeiçoal-o.

Eu espero anciosa a vinda de "Braza Dormida". A sua exhibição...

E assistirei, com jubilo o seu grandioso e imponente triumpho. E depois contarei tudinho.

CONSUELO

(Correspondente de *Cinearte*)

O DINHEIRO DA' CORAGEM

(F I M)

dono e em torno da qual pairava a lenda de que era mal assombrada. Mansão de espiritos máos, o velho "bungalow" amedrontava até os que, forçados pelas circumstancias, lhe passavam perto. No primeiro instante Rackam e a esposa se entreolharam. Mas como *dinheiro dá coragem*, mandaram Jack, o *chauffeur*, preparar o automovel e d'ahi a pouco partiam, rumo á casa mal assombrada.

(*Termina no proximo numero*)

OFFICINAS GRAPHICAS D'O MALHO